



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**  
**CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**DJANE FERNANDES BATISTA**

**O USO DOS DOCUMENTÁRIOS COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE**  
**ENSINO-APRENDIZAGEM**

**FORTALEZA**  
**2017**

DJANE FERNANDES BATISTA

O USO DOS DOCUMENTÁRIOS COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE ENSINO-  
APRENDIZAGEM

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências da Informação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.

Fortaleza  
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- B336u Batista, Djane Fernandes.  
O uso dos documentários como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem / Djane Fernandes  
Batista. – 2017.  
78 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,  
Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.

1. Cinema. 2. Documentário. 3. Educação. 4. Documentário como ferramenta educacional. I. Título.

CDD 020

---

DJANE FERNANDES BATISTA

O USO DOS DOCUMENTÁRIOS COMO FERRAMENTA NO PROCESSO ENSINO-  
APRENDIZAGEM

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências da Informação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Antônio Wagner Chacon Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

**À minha família,  
pelo apoio e compreensão.**

## **AGRADECIMENTO**

A Deus, Mestre da Criação,  
Agradeço por Sua Misericórdia, Justiça e Perdão.

A Meus Pais,  
Hataide Ferreira Batista e  
Djanira Fernandes Batista,  
Progenitores e amigos,  
Agradeço o Amor, aconchego e abrigo.

A Meus irmãos,  
Marta Maria Fernandes Batista e  
Raimundo Fernandes Batista,  
Companheiros de jornada,  
Agradeço o Companheirismo, confiança e cuidado;  
A Jefferson Veras, responsável pela minha orientação,  
Agradeço a Confiança, o carinho e a dedicação.

Aos professores da banca, titulares e suplente,

Luiz Tadeu Feitosa,  
Antônio Wagner Chacon Silva e  
Heliomar Cavati Sobrinho

Agradeço a consideração, atenção e carinho.

Aos demais professores

Do departamento de Ciência da informação,

Agradeço a gentileza, paciência e atenção.

Aos funcionários dessa instituição,

Agradeço as boas risadas, solidariedade e consideração.

A meus amigos queridos,  
Tanta gente que não vou nem mencionar,

Apoiaram-me nessa jornada,  
Fizeram sem pestanejar.

Acreditaram que eu conseguiria

E quando eu vacilei,

Quando nem eu acreditei,

Não deixaram de comigo estar.

“Educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas” (MORIN, 2003, p. 11).

## RESUMO

Visa apresentar o ponto de vista de professores e alunos acerca do uso dos documentários como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem nas disciplinas de Cultura e Mídia; Informação e Sociedade; e Teoria da Informação e Comunicação do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Traça a linha histórica do cinema desde o seu surgimento até os dias atuais, correlacionando-o com a História Mundial e com aspectos sociais e culturais da sociedade de um modo geral. Apresenta o surgimento dos gêneros cinematográficos a partir das expressões culturais e vanguardas europeias, relacionando-as com o desenvolvimento da linguagem cinematográfica. Relaciona o cinema, mais especificamente o gênero documentário, com a educação, apresentando como vários países adequaram os filmes ao contexto educacional. Conceitua gênero documentário e apresenta os novos tipos de documentários que estão sendo desenvolvidos a partir das novas tecnologias e da internet. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo que, através da análise de conteúdo aplicada em dados coletados por meio da aplicação de questionários aos alunos e realização de entrevista com professores das disciplinas mencionadas, constatou que tanto professores e alunos acreditam que os documentários são uma boa ferramenta no processo de ensino-aprendizagem e que, embora precise de alguns ajustes, trazem um bom resultado quando aliado aos textos e debates em sala.

**Palavras-chave:** Cinema. Documentário. Educação. Documentário como ferramenta educacional.

## **ABSTRACT**

It aims to present the point of view of professors and students about the use of documentaries as a tool in the teaching-learning process in the subjects of Culture and Media; Information and Society; and Information and Communication Theory of the Librarianship course of the Federal University of Ceará. It traces the historical line of cinema from its inception to the present day, correlating it with World History and with social and cultural aspects of society in general. It presents the emergence of cinematographic genres from European cultural expressions and vanguards, relating them to the development of cinematographic language. It relates the cinema, more specifically the documentary genre, to education, presenting how various countries adapted the films to the educational context. Conceptualizes documentary genre and presents the new types of documentaries that are being developed from the new technologies and the internet. As for the methodology, it is a qualitative descriptive research that, through the analysis of applied content in data, collected through the application of questionnaires to the students and the accomplishment of an interview with professors of the mentioned disciplines, found that both professors and students believe that documentaries are a good tool in the teaching-learning process and that, although it needs some adjustments, bring a good result when combined with texts and debates in the classroom.

**Keywords:** Cinema. Documentary. Education. Documentary as an educational tool.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Unidades curriculares e suas respectivas disciplinas .....	39
Quadro 2 - Informações sobre as disciplinas utilizadas na pesquisa.....	45
Quadro 3 - Termos, palavras e expressões sinônimas e a quantidade de vezes que foram utilizadas .....	47
Quadro 4 - Justificativas para a avaliação dos documentários .....	49
Quadro 5 - Interação entre alunos e professores nas discussões em sala .....	51
Quadro 6 - Respostas sobre a compreensão de textos/teorias.....	53
Quadro 7 - Vantagens e desvantagens para o uso de documentários em sala.....	55
Quadro 8 - Cotejo entre as respostas de professores e alunos.....	57

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Gráfico 1 - Avaliação dos alunos para o uso dos documentários em sala.....	48
Gráfico 2 - Avaliação da interação entre alunos e professores nas discussões a partir do uso dos documentários .....	51
Gráfico 3 - Atividade identificadas durante a assistência dos filmes .....	54

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>BREVE HISTÓRICO DO CINEMA.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Origem, expressão cultural e sociedade.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2</b>	<b>Evoluções técnica e tecnológica e o desenvolvimento da linguagem.....</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>CINEMA NA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>3.1</b>	<b>Cinema e educação no Brasil: Origens .....</b>	<b>27</b>
<b>3.2</b>	<b>Cinema e sala de aula: um discurso possível.....</b>	<b>29</b>
<b>3.3</b>	<b>Gênero documentário .....</b>	<b>30</b>
<b>3.3.1</b>	<i>Webdocumentário e/ou documentário interativo .....</i>	<i>33</i>
<b>3.3.2</b>	<i>Documentário Animado .....</i>	<i>37</i>
<b>3.4</b>	<b>O uso dos documentários nas disciplinas da unidade curricular I .....</b>	<b>39</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>43</b>
<b>4.1</b>	<b>Natureza da pesquisa .....</b>	<b>43</b>
<b>4.2</b>	<b>Características da pesquisa.....</b>	<b>43</b>
<b>4.3</b>	<b>Caracterização dos participantes e ambiente da pesquisa .....</b>	<b>44</b>
<b>5</b>	<b>ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....</b>	<b>47</b>
<b>5.1</b>	<b>Pré-teste .....</b>	<b>47</b>
<b>5.2</b>	<b>Cotejo entre informações apresentadas por professores e alunos .....</b>	<b>56</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>74</b>
	<b>REFERÊNCIA.....</b>	<b>76</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O cinema nasceu no final do século XIX e início do século XX e em pouco mais de um século passou por várias mudanças, sendo hoje considerada como uma forma de arte. As primeiras cenas capturadas pela câmera foram de situações cotidianas: um trem chegando à estação, pessoas caminhando nas ruas, operários saindo das fábricas, etc. Eram cenas simples e diretas que mostravam a realidade. Estes foram os primeiros documentários.

Em seu início, o cinema estava ainda em um estado rudimentar. Não havia desenvolvido as linguagens e as técnicas e muito menos as tecnologias utilizadas nas grandes produções atuais. Começou a se desenvolver aos poucos. Primeiramente, tomou de empréstimo linguagens e técnicas de outras artes, como o teatro, posteriormente, criou uma linguagem própria e desenvolveu técnicas e tecnologias que o levou a receber o status de sétima arte (ARAÚJO, 1995).

A história do cinema está intimamente relacionada à história mundial. Ele desempenhou um papel importante durante as grandes guerras, período em que foi utilizado como veículo de comunicação e manipulação das massas. Foi também nesse período que o cinema desenvolveu muitas de suas técnicas devido à influência das vanguardas europeias (COSTA, 2006). Durante os regimes ditatoriais do século XX, o cinema foi incorporado às escolas funcionando como meio de instrução e manipulação (FREITAS, 2012).

Com a finalidade de apresentar um pouco da trajetória do cinema e como ele foi incorporado às escolas, sendo utilizado até os dias de hoje como ferramenta no processo educacional, dividimos o referencial teórico desta monografia em dois capítulos.

O primeiro capítulo foi subdividido em dois tópicos. No primeiro tópico, abordamos a origem do cinema e os fatos sociais e culturais que implicaram seu nascimento, apresentando teorias que destacam a relação cinema, sociedade, expressão cultural e fatos históricos. No segundo tópico, apresentamos as evoluções do cinema nas técnicas, tecnologias e linguagens, e apresentamos o papel das vanguardas europeias nesse processo.

Neste capítulo foram utilizados os textos de Jean-Claude Bernardet (1984), Inácio Araújo (1995), Marilena Chauí (2008), Veruska V. A. Silva (2010); Graeme Turner (1988); Émile Durkheim (2007), Maria José V. Jorente (2012), Marcel Martin (2005), Walter Benjamin (1975), Flávia C. Costa (2006), Laura L. Cánepa (2006), Fernanda A. C. Martins

(2006), Leandro Saraiva (2006); Mariarosaria Fabris (2006) e Andréa França (2006) para embasar as ideias apresentadas.

No segundo capítulo, abordamos a inclusão do cinema nas escolas e de como estas podem utilizar o cinema como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. Subdividimos este capítulo em três tópicos. No primeiro deles, apresentamos como o cinema começou a ser utilizado nas escolas brasileiras durante o governo provisório de Getúlio Vargas. Falamos também sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova ou Escolanovista. Comparamos a forma como o cinema foi utilizado nas escolas brasileiras neste período com a de outros países, como Estados Unidos, Itália e Bruxelas.

No segundo tópico, abordamos as possibilidades de uso para os filmes nas escolas a partir de seus gêneros e no terceiro, selecionamos o gênero documentário dentre os apresentados no tópico anterior, uma vez que, embora seja possível utilizar em sala a maioria dos gêneros cinematográficos, o documentário é o mais emblemático de todos devido às suas características. Por isso, neste tópico apresentamos conceitos de vários autores, tais como, Manuela Penafria (1999), Marcelo Sacrini (2004) e William Guym (1990), citado por Dirk Eitzen (1995), com o propósito de demonstrar que, mesmo dentre os teóricos da área, não há um consenso sobre uma definição para o gênero documentário. Trouxemos, ainda, alguns filmes para demonstrarmos porque esse gênero causa polêmica e confusão nos espectadores. Ainda neste capítulo criamos dois subtópicos para falarmos das novas modalidades de documentários que surgiram por meio da internet: o Webdocumentário ou documentário interativo; e documentário animado.

No último capítulo do referencial teórico, apresentamos as disciplinas da Unidade Curricular I do curso de Biblioteconomia que utilizam os documentários como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem e trazemos o ponto de vista de alguns autores sobre o uso de filmes no campo educacional.

Nesse capítulo, além dos autores mencionados, citamos ainda Edgar Morin (2003), Enio Freitas (2012), Rosana Elisa Catelli (2010), Fernando de Azevedo et al. (2010), Rosália Duarte (2002), Elizabeth Rondelli (1997), Cristina T. V. de Melo (2002), Alexandre F. Fiuza (2008), Fernanda Bernardes (2015), Sandra Gaudenzi (2013), Arnau G. Castells (2013), Hugo C. B. Peixoto (2015), Jennifer J. Serra (2011), César H. Arrais (2012), Ivana Bentes (2008), Milton José de Almeida (2000) e José Moran (1995).

O processo de transmissão e aquisição de conhecimento (processo de ensino-aprendizagem) ao longo dos anos vem sendo objeto de estudos e pesquisas. Algumas delas procuram identificar como ocorre o processo de transmissão e assimilação de conteúdos por parte de alunos e professores. A partir dessas pesquisas alguns paradigmas estão sendo rompidos, dando lugar a novas metodologias de ensino. Um desses paradigmas diz respeito aos papéis do aluno, que passa a ter papel ativo em relação à aquisição do conhecimento, e do professor, que deixa de ser a pessoa responsável por inculcar o conhecimento nos indivíduos, passando a ser o mediador neste processo.

Baseado nisso, interessa-nos descobrir como os alunos e professores avaliam o uso dos documentários nas disciplinas Teoria da Informação e Comunicação; Cultura e Mídia; e informação e Sociedade que fazem parte da Unidade Curricular I do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará e sugerir proposições para que essa ferramenta seja mais bem utilizada.

Para isso, temos como objetivo geral relatar as contribuições do uso dos documentários como ferramenta de ensino-aprendizagem. Para alcançar esse objetivo, propomos três objetivos específicos: a) Identificar as contribuições do uso dos documentários em sala de aula no processo de ensino-aprendizagem; b) Apontar o nível de aceitação do uso dos documentários como ferramenta de ensino-aprendizagem, e c) Elencar as vantagens e desvantagens do uso dos documentários como ferramenta de ensino-aprendizagem.

Nesta pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa. Utilizamos questionários como instrumento para a coleta de dados dos alunos e realizamos entrevistas com os professores. A pesquisa ocorreu em duas etapas. Primeiramente, realizamos um pré-teste onde aplicamos um questionário com perguntas bem amplas nas turmas selecionadas. Utilizamos a análise de conteúdo para analisar os dados e a partir deles, criamos seis categorias específicas que serviu para desenvolver um segundo questionário que foi novamente aplicado aos alunos das turmas selecionadas e estruturamos as entrevistas que foi feita com os professores.

A pesquisa apresentou resultados satisfatórios, onde conseguimos cumprir com os objetivos propostos. Pudemos perceber como alunos e professores compreendem o uso dos documentários no processo de ensino-aprendizagem. Através do cotejo entre as informações coletadas nas entrevistas e nos questionários, percebemos que discentes e docentes têm um

ponto de vista bem próximo sobre o uso da ferramenta. No entanto, os alunos fizeram sugestões de como tornar esse processo melhor.

Por meio desta pesquisa, percebemos que, embora várias pesquisas sejam realizadas no campo educacional, ainda há muito a se pesquisar para que ele seja contínuo e que os indivíduos envolvidos percebam que todos têm um papel importante nele.

## **2 BREVE HISTÓRICO DO CINEMA**

Foram diversos os fatores que impulsionaram o desenvolvimento do cinema. Em uma época de efervescência política, período em que a classe burguesa ascendia ao poder e as máquinas, fruto da revolução industrial, cresciam em número e em variedade. O século XIX, século no qual o cinema foi criado, foi o ano da invenção do telégrafo por Samuel Morse, do telefone por Alexander Graham Bell e desde os anos de 1880 vários inventos foram criados com intuito de capturar a imagem em movimento, êxito alcançado com a criação do cinematógrafo pelos irmãos Lumière. A escalada ao poder impulsionou a classe burguesa a realizar grandes feitos e um deles foi o cinema.

No entanto, duvidava-se que o cinema realmente pudesse se desenvolver e alcançar o patamar que o fez ser reconhecido como a sétima arte. Na verdade, chegou-se a criticar o cinema como sendo uma invenção sem futuro (ARAÚJO, 1995). No entanto, em pouco mais de um século, o cinema começou a dar passos largos em direção ao sucesso, sendo inquestionável sua influência nos aspectos sociais, culturais e políticos de determinadas épocas.

Porém, para chegar ao status atual, o cinema precisou passar por uma série de mudanças. Nos tópicos seguintes, apresentamos o nascimento e a repercussão que as imagens em movimento causaram na sociedade do final do século XIX até os dias atuais, e apresentamos algumas fases do desenvolvimento do cinema assim como técnicas, tecnologias e linguagem.

### **2.1 Origem, expressão cultural e sociedade**

Neste tópico abordamos o surgimento do cinema e como, em tão pouco tempo, ele se tornou um veículo poderoso para disseminação e difusão da informação, sendo utilizado de diversas formas e com vários objetivos. Falamos um pouco de como a informação vinculada aos filmes e demais produções cinematográficas podem favorecer determinadas camadas sociais por meio da criação e difusão de ideologias, criando novos significados que são aceitos e copiados pelas demais camadas sociais, se convertendo em um fato social à medida que se utiliza das convenções sociais para estabelecer comunicação e criar novos conjuntos de códigos que modificam a formação cultural e as expressões simbólicas.

A sociedade do século XIX recebeu com espanto e admiração quando, em 28 de dezembro de 1895, na cidade de Paris, assistiu à exibição de um curta metragem chamado *A*

*chegada do trem na estação de Ciotat* que retratava a chegada de um trem a estação. Segundo Araújo (1995), o que mais causou impacto nas pessoas foi a sensação de realidade, ou melhor, a ilusão. As pessoas que assistiram as cenas já haviam visto um trem de verdade e as imagens eram em preto e branco. Não havia com o que assustar-se e mesmo assim as pessoas levaram um susto ao ver as imagens na tela.

Essa ilusão de realidade é provavelmente a razão para o sucesso do cinema. Até então muitas foram às formas de representação da realidade como, por exemplo, quadros pintados a óleo e fotografias, porém faltava-lhes o movimento. Por isso, muitos cientistas, em quase todos os países europeus e Estados Unidos, pesquisaram e inventaram aparelhos para produzir a imagem em movimento. (BERNARDET, 1984)

No período da criação do cinema, segundo a história oficial, final do século XIX, a História Mundial passava por mudanças drásticas: A revolução industrial e a ascensão da burguesia ao poder modificou a sociedade, as relações sociais, o sistema de produção e as relações de trabalho.

É neste cenário que o cinema encontra sua principal fonte de desenvolvimento. A necessidade da burguesia de criar um movimento cultural e artístico característico de sua ideologia, algo que fosse criado a partir do instrumento que lhe permitiu tal ascensão: a máquina. Como afirma Bernardet (1984, p.15),

[...] a burguesia desenvolve mil e uma máquinas e técnicas que não só facilitarão seu processo de dominação, a acumulação de capital, como criarão um universo cultural à sua imagem. Um universo cultural que expressará o seu triunfo e que ela imporá às sociedades, num processo de dominação cultural, ideológico, estético. Dessa época, fim do século XIX, início deste, datam a implantação da luz elétrica, a do telefone, do avião, etc., etc., e, no meio dessas máquinas todas, o cinema será um dos trunfos maiores do universo cultural. A burguesia pratica a literatura, o teatro, a música, etc., evidentemente, mas estas artes já existiam antes dela. A arte que ela cria é o cinema.

O cinema teve um papel significativo na cultura dessa época, pois ele era sinônimo de realidade, de verdade, de fato ou, pelo menos, era o que queria que se pensasse. O poder de fazer a informação ser percebida dessa maneira é fruto das técnicas e tecnologias empregadas na construção das cenas e da linguagem.

Quando uma determinada pessoa faz um discurso, ele está atrelado a essa pessoa, é o que ela pensa e pode-se concordar ou não com ela. Quando esse discurso vem do cinema, que por um efeito ou montagem faz a pessoa que fala desaparecer, o discurso não está atrelado a ninguém, existe por ele mesmo, assemelhando-se a um fenômeno da natureza, algo

natural que não está ligado a ideologias ou partido (BERNARDET, 1984). Assim o cinema poderia assumir um papel de manipulador, sem que se soubesse que se estava sendo manipulado.

A classe dominante, para dominar, não pode nunca apresentar a sua ideologia como sendo a *sua* ideologia, mas ela deve lutar para que esta ideologia seja sempre entendida como a verdade. Donde a necessidade de apresentar o cinema como sendo expressão do real e disfarçar constantemente que ele é artifício, manipulação, interpretação. (BERNARDET, 1984, p.20)

Nessa citação, a palavra ideologia merece destaque especial. A lógica por trás desta palavra é muito complexa e vem sendo estudada por vários ideólogos e filósofos, sendo criadas várias definições para representar o significado do termo. Marilena Chauí (2008, p. 85), em seu livro *O que é ideologia*, explica que ela diz respeito à “transformação das idéias da classe dominante em idéias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das idéias)”. Para essa autora, isso só é possível se, além de criar suas próprias ideias, a classe dominante também as distribuir através da educação, dos costumes, da religião e dos meios de comunicação.

Neste caso, enquanto canal para disseminação de uma mensagem ou ideia, o cinema possui os mecanismos adequados para servir a este propósito, construindo uma ponte entre o real e o simbólico. Silva (2010) em seu artigo, *Formação Cultural e Expressão simbólica*, explica que o nosso modo de vida na modernidade é reflexo das nossas construções culturais - materiais e simbólicas -, dos arranjos sociais e do papel dos indivíduos no processo de aprendizagem e transmissão de conhecimentos dentro das camadas sociais a que eles fazem parte. Diante disso, Silva (2010) citando Morin (1997), assume que

o cinema é expressão da unidade complexa e da complementariedade do real e do imaginário. As imagens em movimento certamente são organizadas pelos estímulos exteriores, concretos, daquilo a que nos acostumamos chamar de realidade, mas na sua formação também entram ideologias, símbolos, sentimentos, enfim, modos da cultura, que, em um processo dialógico e relacional, também informa ideologias, símbolos e sentimentos. (SILVA, 2010, p. 2)

Corroborando com o pensamento dos autores acima e assumindo a influência que o cinema pode ter sobre os indivíduos e a coletividade, Graeme Turner (1988) defende que o cinema pode ser entendido como um fato social ao utilizar-se das convenções sociais para estabelecer comunicação. Isso se deve ao fato da composição das cenas usarem gestos, sotaques, vestimentas, etc., familiares, possíveis de se reconhecer ou identificar em nossa

sociedade formando um conjunto de códigos que possuem significado e que são aceitos na sociedade.

Durkheim (2007, p. 1), ao discorrer sobre fato social, afirma que esse termo é empregado para “designar mais ou menos todos os fenômenos que se dão no interior da sociedade, por menos que apresentem, com uma certa generalidade, algum interesse social”, mas não é qualquer fenômeno que pode ser considerado como fato social, sendo necessário que ele assuma as seguintes características: ser exterior ao indivíduo sendo, portanto, algo convencionalizado pela sociedade e que exerça um poder coercitivo sobre o indivíduo.

No entanto, as ideologias mudam, assim como o conjunto de códigos e as convenções sociais. Uma das mudanças citadas por Turner (1988) diz respeito ao casamento, convenção social que representa a união e o amor e, em uma época não tão distante, eram colocados nos filmes como o grande final representando a vitória dos ‘mocinhos’ e indicando um ‘felizes para sempre’. No entanto, a sociedade mudou e o casamento já não tem a mesma conotação, por isso, já não é tão frequentemente usado como o mecanismo para o desfecho dos filmes.

Assim, podemos considerar a criação do cinema como reflexo das necessidades da sociedade daquela época, das relações e movimentos que eram articulados naquele momento e que seu desenvolvimento, principalmente de suas técnicas discursivas e de manipulação da imagem, como resultantes da evolução das tensões e movimentos de cada período histórico.

Além de sua força de convencimento através das imagens e do discurso, outro fator característico do cinema é o seu poder de multiplicidade, o que significa que um filme pode ser reproduzido em diversos lugares simultaneamente, podendo atingir um número extraordinário de espectadores (BERNARDET, 1984). A isso, soma-se a capacidade do cinema de fazer parte da memória social de vários indivíduos e da coletividade, tornando-se um veículo de reflexão sobre a produção de sentidos e significação social (SILVA, 2010).

Outra característica intrínseca ao cinema é o fato de ele ser considerado como uma mercadoria abstrata. Quando vamos ao cinema e compramos um ingresso para assistir ao filme, estamos apenas adquirindo o direito de, por algumas horas, sentar em uma das poltronas e assistir as imagens que são projetadas na tela. O que não nos dá o direito de assisti-lo quantas vezes desejarmos ou que poderemos, ao final do filme, trazê-lo conosco.

No entanto, essa característica somente foi entendida tardiamente. Antes os filmes eram comercializados livremente por um preço fixo, o que permitia aos exibidores poder exibir os filmes inúmeras vezes ou revendê-los se assim o desejassem, o que reduzia consideravelmente a margem de lucros dos produtores (BERNARDET, 1984).

Posteriormente, os produtores perceberam que poderiam ter mais lucros se vendessem apenas os direitos de reprodução do filme por um determinado período de tempo através do aluguel das fitas.

Assim desenvolveu-se a cadeia de comércio cinematográfica, onde os produtores comercializam o direito de exibição do filme, os distribuidores comercializam o direito de exibi-los e o exibidor, o direito de assisti-los.

Dessa forma, o cinema desde sua criação vem se moldando às necessidades primeiramente de seus criadores que representavam uma classe social, a burguesia, posteriormente às necessidades de produção e comércio, passando a ser chamado por alguns teóricos como a indústria cultural.

## **2.2 Evoluções técnica e tecnológica e o desenvolvimento da linguagem**

Após sua criação, no final do século XIX, o cinema, essa forma de manifestação artística que engloba tantas formas de expressão e conteúdo, tem despertado a curiosidade de pesquisadores para novas tecnologias e meios de comunicação.

As tecnologias, em sua forma eletroeletrônica, como assevera Jorente (2012, p. 13), “criam na cultura ocidental novos hábitos de olhar que condicionam a percepção e criam novas formas de subjetividade - desde finais do século XIX, a fotografia e o cinema inauguram novas formatações e linguagens”. Isto impulsionou o desenvolvimento de pesquisas em diversos âmbitos, entre eles o social, cultural, tecnológico e artístico.

Através dessas tecnologias, a realidade nos é apresentada de diferentes formas, criando um condicionamento na percepção do que é realidade e funcionando como canais de comunicação humana nas suas formas de representação.

A percepção da realidade cinematográfica pode ser entendida de duas formas pelo espectador, dependendo do seu nível de entendimento a respeito da composição cinematográfica. Ele pode acreditar ingenuamente que o que está sendo apresentado é real ou

ele pode intuitivamente e intelectualmente perceber que aqueles elementos compõem uma linguagem (MARTIN, 2005).

A crença de que a imagem projetada na tela é real provém do uso adequado das tecnologias, da construção da linguagem e da narrativa. Segundo Martin (2005), essa crença é fruto da *representação unívoca*, ou seja, a capacidade da imagem de representar em determinado grau uma linguagem simbólica, onde um indivíduo que aparece na tela pode representar todos os indivíduos desse grupo - generalização que opera na consciência do espectador devido à montagem ideológica - e da representação das imagens *sempre no presente*, efeito percebido quando não assistimos a um filme do início e torna-se difícil situar em qual período temporal aquelas cenas se passam, uma vez que o passado acabado e inacabado e o futuro são produtos de nossas percepções e são interpretadas nos filmes por meio da expressão fílmica.

A forma como determinada cena é gravada, os elementos que fazem parte do cenário, o jogo de luzes e sombras, etc., e a forma como a mensagem é transmitida é resultado de estudos sobre a percepção da realidade na mente humana, processo pelo qual a mente assimila e processa a informação, e dos aspectos culturais e sociais da sociedade. Como afirma Benjamin (1975, p. 28) “O que caracteriza o cinema não é apenas o modo pelo qual o homem se apresenta ao aparelho, é também a maneira pela qual, graças a esse aparelho, ele representa para si o mundo que o rodeia”. Tendo em vista que o indivíduo passa constantemente por mudanças, o que altera os aspectos culturais e sociais em que ele acredita, o cinema tende a acompanhar esse processo e a aprimorar as tecnologias, assim como a linguagem e os meios para estabelecer a comunicação.

De acordo com Araújo (1995, p. 19) “a História nunca é simplesmente o conhecimento do passado: é um contínuo movimento que nos leva do passado para o presente”. Dessa forma, desde seu nascimento, o cinema sofre a influência e influencia as relações políticas, sociais e culturais de cada época e com isso evolui em suas técnicas, tecnologias e linguagens.

Traçando um pequeno panorama sobre o desenvolvimento da linguagem do cinema no decorrer do tempo, notamos que a evolução da linguagem cinematográfica passou por diversos estágios, no início assimilando conceitos de outras formas de expressões

artísticas e culturais e, posteriormente, desenvolvendo aparatos tecnológicos e uma linguagem própria.

Em seu início, o cinema não tinha uma linguagem definida. Mesclavam-se outras formas de representação da realidade e das artes para criar uma forma de comunicação. Segundo Costa (2006, p. 22), “nesse período, por estar misturado a outras formas de cultura, como o teatro, a lanterna mágica, o vaudeville e as atrações de feira, o cinema se encontraria num estágio preliminar de linguagem”. As imagens eram em preto e branco e o filme era mudo, por isso entre uma cena e outra era apresentando na tela um pequeno texto explicativo para situar o espectador na narração da história.

Com o tempo foi se desenvolvendo um código linguístico para o cinema, a partir de técnicas de filmagens e de cenas que denotavam uma maneira particular de se comunicar com o público. A primeira descoberta a respeito do poder comunicativo da imagem e das técnicas começou com o descobrimento do *traveling* em 1896, quando um dos operadores de Lumière colocou a câmera em uma gôndola em Veneza. No entanto somente em 1900, G.A. Smith, membro da Escola de Brighton, conseguiu liberar a câmera de sua imobilidade quando a usou para passar, em uma mesma cena, de um plano para outro.

Plano pode ser entendido, segundo Bernardet (1984, p. 37), como “uma imagem entre dois cortes”. Ele faz uma síntese dos tipos de plano e o que cada um significa.

As escalas dos planos têm inúmeras variantes, mas correspondem em geral ao seguinte: o Plano Geral (PG) mostra um grande espaço no qual os personagens não podem ser identificados; o Plano de Conjunto (PC) mostra um grupo de personagens, reconhecíveis, num ambiente; o Plano Médio (PM) enquadra os personagens em pé com uma pequena faixa de espaço acima da cabeça e embaixo dos pés; o Plano Americano (PA) corta os personagens na altura da cintura ou da coxa; o Primeiro Plano (PP) corta no busto; o Primeiríssimo Plano (PPP) mostra só o rosto; o Plano de Detalhe mostra uma parte do corpo que não a cara ou um objeto. (BERNARDET, 1984, p. 38)

Além dos planos, o cinema utiliza outros mecanismos de comunicação, tais como, os enquadramentos, os ângulos de filmagem e os movimentos de câmera. Estes mecanismos são considerados *específicos*, pois pertence especificamente a arte cinematográfica. No entanto, o cinema utiliza-se também de mecanismos *não específicos*, que são utilizados em outras artes como no teatro. São eles: as iluminações, os figurinos, os cenários, a cor, a tela larga e o desempenho dos atores (MARTIN, 2005).

Nos períodos das grandes guerras, o cinema passou por várias inovações tanto tecnológicas quanto ideológica. Ele também foi influenciado por outras formas de expressões

artísticas como a Literatura, a Pintura e o Teatro, assumindo algumas de suas características. Exemplo disso é o Expressionismo desenvolvido na República de Weimar, Alemanha. Como afirma Cánepa (2006, p. 56) “O uso do adjetivo "expressionista" para um grupo de filmes realizados na Alemanha nos anos 1920 deriva de uma vertente da arte moderna que foi muito popular nesse país após a Primeira Guerra: o Expressionismo”. Este movimento foi reflexo da situação econômica, política e social vivida na Alemanha na segunda metade do século XIX que se refletiu, principalmente, nos aspectos culturais causados pela pequena, porém influente, classe burguesa intelectual, que queria a emancipação individual dos cânones clássicos.

Era o início do modernismo alemão, representado pela filosofia de Nietzsche, pela "dramaturgia do ego" de August Strindberg, pela música atonal de Arnold Schönberg, pela descoberta do inconsciente por Sigmund Freud, pelas pesquisas de Max Planck e Albert Einstein sobre a mecânica quântica e por várias outras novidades, entre elas um movimento radical nas artes plásticas e na poesia, que mais tarde ficaria conhecido como Expressionismo. (CÁNEPA, 2006, p. 57)

No cinema, o expressionismo Alemão surpreendeu o mundo com temas ligados à loucura, o fantástico, o sombrio, entre outros. Um exemplo de filme que retrata esse período é *O gabinete do Dr. Caligari*, no qual o enredo trata de loucura e morte, com personagens que vivem fora da realidade e demonstram sentimentos sombrios e cheios de simbologias que retratam o terror. Por essas características, o cinema produzido na Alemanha teve grande aceitação, principalmente, na Europa e nos Estados Unidos, o que possibilitou a migração de muitos cineastas para outros países, influenciando o cinema mundial, com ênfase no cinema americano com os filmes expressionistas, por exemplo, no cinema de horror e de gangster dos anos 1930-1940, e no cinema *noir* dos anos 1940-1950 (CÁNEPA, 2006).

Além da Alemanha, França, Rússia e Itália também se destacam na produção cinematográfica influenciada por expressões de outras artes e pelo movimento sociocultural e econômico.

Com o começo da Primeira Guerra Mundial, as companhias cinematográficas europeias tiveram que reduzir sua produção, o que levou a importação de uma grande quantidade de filmes americanos, fato que tornou os Estados Unidos o maior fornecedor de filmes do mercado cinematográfico mundial, situação que perdura até os dias atuais.

Nesse contexto, surge na França o movimento impressionista que tinha um forte apelo estético e, por esse motivo, foi duramente criticado. Este estilo cinematográfico abusava dos efeitos produzidos pela câmera, da duração dos planos e enquadramento, e nas cenas a

atenção era dividida entre os personagens e os elementos do cenário, por isso, algumas críticas o taxavam de pomposo, rebuscado e que beirava o ridículo (MARTINS, 2006).

Na Rússia, entre 1917 e 1920, as repúblicas socialistas soviéticas entraram numa guerra civil. No Exército Vermelho se encontravam os futuros protagonistas do cinema: Sergei Eisenstein, Lev Kulechov, Dziga Vertov e Eduard Tissé. Com a guerra, o cinema russo passou por uma série de mudanças significativas desde sua estrutura até a produção. Como nos afirma Saraiva (2006, p. 109),

O sistema de estúdios anterior à revolução foi destruído. Seus donos e grande parte dos técnicos qualificados fugiram do país. O Estado teve de reinventar a atividade cinematográfica, comprar equipamentos e reorganizar produção, distribuição e exibição. Essa total estatização do cinema teve duas faces. Por um lado, possibilitou uma radical reinvenção da atividade cinematográfica, como talvez em nenhum outro momento da história. Por outro, os caminhos dessa nova era ficaram à mercê das disputas políticas. Tal como a revolução, o cinema conheceu uma fase de explosão criativa e um posterior fechamento de horizontes.

Nesse contexto, o cinema se constitui como uma forma de resistência e denúncia. Aqui é negada toda a forma de arte. Os filmes são feitos a partir da montagem de outras imagens. Exemplo disso é posto por Saraiva (2006, p. 121) ao fazer a síntese de *A greve* (1925) destacando em seu enredo a denúncia ao momento de crise vivido no país.

O tema da formação da unidade proletária, bem como os riscos de sua dissolução, serão tratados em *A greve* tanto no conteúdo narrativo quanto na forma plástica e rítmica. A história narrada divide-se em seis blocos: agitação, estopim para greve, fábrica parada, inatividade e miséria dos grevistas, provocação dos infiltrados e repressão violenta. Começa-se pela apresentação da situação de trabalho, com a oposição entre escritórios e chão de fábrica. O estopim é a acusação injusta de roubo de uma ferramenta, feita a um operário, que, desesperado, suicida-se. Seguem-se o espetáculo da inatividade das máquinas e da burocracia, a alegria cotidiana dos operários libertos do fardo do trabalho, a solidão inútil do capitalista e a mobilização do aparato de repressão. O quarto bloco mostra a dura situação dos grevistas quando o movimento se prolonga: a irritação, o fantasma da fome, as brigas familiares. Os patrões mobilizam o lumpesinato para infiltrar-se no movimento, provocar tumulto e possibilitar a repressão, que resulta num massacre impiedoso da massa operária.

O trecho acima deixa clara a situação caótica de um país devastado pela guerra, fato que se reflete nas relações de trabalhos e na situação do operário diante da opressão e da falta de opção para reivindicar melhores condições de trabalho. Além da Rússia, o cinema também assume a função de denúncia na Itália do pós- segunda guerra quando o Partido Comunista Italiano (PCI) assume a tarefa de reconstruir a Itália, reerguendo-a moralmente, período denominado neorealismo.

No entanto, as produções dessa época tiveram um grande entrave, a censura, principalmente por parte da igreja católica que a utilizava “como instrumento de pressão

política sobre os meios de comunicação, principalmente sobre o setor cinematográfico” (FABRIS, 2006, p. 192). Ligada às distribuidoras, a igreja liberava as produções norte-americanas, boicotando as produções italianas, uma vez que o Centro Católico Cinematográfico somente liberava os filmes que podiam ser assistido por todos, requisito que não se encaixava em nenhuma produção neorrealista, pois estas eram tachadas de amorais e de ter vínculo com o comunismo.

Apesar de o Partido Comunista Italiano tentar resistir, as eleições de 1948 representou um golpe muito duro, isso porque ele sofreu uma grande derrota para o Partido Democrata Cristã (DC). Esse embate entre os partidos políticos italianos resultaram da ideologia causada pelo embate entre Estados Unidos e União Soviética durante a Guerra Fria (FABRIS, 2006).

Como podemos perceber, durante o período de guerras, o cinema sofreu diretamente com as pressões e movimentos políticos, sociais, econômicos e culturais que ocorreram. Nos dias atuais, o cinema passa por grandes mudanças devido aos novos aparatos tecnológicos. As fronteiras e territórios já não assumem uma delimitação clara. O cinema da atualidade precisa se reinventar a cada minuto, como admite Andrea França (2006, p. 328) em *Cinema de Terras e Fronteiras*,

Hoje, não basta dar visibilidade a um povo ou a uma cultura em luta pela sobrevivência. O cinema, a televisão, a publicidade, os jornais não param de produzir e nos oferecer imagens de esquecidos, desamparados, caricaturados, qualificando-as como reais. A experiência de desterritorialização, da migração brutal dos últimos anos, a circulação acelerada de imagens do mundo pelo mundo tornam ineficaz a visibilidade pura e simples do outro. É necessário inventar, também através do cinema e das imagens, novas terras, novas nações, novas comunidades ali onde elas ainda nem sequer existem. Essas novas terras não são geográficas, bem entendido, são territórios afetivos, sensíveis, novos mapas de pertencimento e afiliação translocais.

Nesse texto, França (2006) faz uma análise do cinema produzido em países como Balcãs, China, Irã e Brasil, analisando algumas de suas características. Ao abordar o cinema produzido no Brasil, a autora destaca que “surge uma diversidade de propostas temáticas, estéticas e culturais que comprova a amplitude da produção cinematográfica nacional”. (FRANÇA, 2006, p. 409). Nos filmes brasileiros, vemos a abordagem de uma diversidade de assuntos que afetam tanto à classe alta como a média e baixa.

Como acabamos de ver, o cinema promove uma série de leituras sobre o mundo. É possível através de um estudo aprofundado dessa arte realizar um levantamento histórico, social, econômico, político, psicológico, cultural de um país. Como afirma Silva (2010, p. 3),

o cinema tem feito parte das vivências de muitas pessoas, inscrevendo-se, de forma importante, na memória social de vários grupos e sociedades e comparecendo como um importante lugar de reflexão sobre a produção de sentido e de significação social. O cinema também participa da difusão de conhecimentos, da formação de hábitos e comportamentos e, ainda, contribui para o aparecimento, manutenção ou a transformação de discursos, gostos, condutas e afetos.

Percebemos, ao longo deste capítulo, que o cinema tem passado por uma série de mudanças desde a sua criação. Muitas delas são reflexos de acontecimentos sociais, culturais, políticos e econômicos que mudaram a sociedade. Exemplo disso foi sua utilização durante o período de guerras como meio de comunicação e como fonte de conhecimento, sendo inclusive incorporado às escolas.

No entanto, dependendo do país, os objetivos para o uso do cinema na escola variavam, sendo utilizado por alguns como ferramenta que auxiliava no processo de ensino-aprendizagem e por outros como forma de manipular os cidadãos, principalmente os iletrados.

No próximo capítulo, apresentamos um pouco da história de como o cinema começou a ser utilizado nas escolas no Brasil e a principal diferença entre os usos dos filmes no ambiente escolar neste país e em outros países da América do Norte e da Europa.

### 3 CINEMA NA EDUCAÇÃO

Cinema e educação possuem uma relação estreita e antiga. No Brasil, ele foi incorporado à escola durante a Era Vargas, suscitando estudos e questionamento sobre a validade desse método no ensino e sobre os impactos que eles poderiam causar na comunidade acadêmica. Neste capítulo, apresentamos o ponto de vista de vários autores, assim como aspectos importantes que devem ser levados em consideração em relação a seu uso em sala de aula.

No prefácio do livro *Cabeças Bem-feitas*, Edgar Morin (2003) contrapõe Educação e ensino, conceituando-as e diferenciando-as na perspectiva de sua abrangência em relação aos sujeitos a que esses termos se relacionam. Em suas palavras, Morin define Educação e ensino como:

“Educação” é uma palavra forte: “Utilização de meios que permitem assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano; esses próprios meios”. (Robert) O termo “formação”, com suas conotações de moldagem e conformação, tem o defeito de ignorar que a missão do didatismo é encorajar o autodidatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito. O “ensino”, arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno, de modo que ele os compreenda e assimile, tem um sentido mais restrito, porque apenas cognitivo. (EDGAR MORIN, 1999, p. 10-11)

A educação tem como propósito inculcar no indivíduo o desejo pela busca, tornar-se a si mesmo responsável pela aquisição e aprimoramento de seus conhecimentos. O ensino, por sua vez, sendo restrito aos aspectos cognitivos, pode comparar o indivíduo a uma esponja que absorve o que lhe é transmitido, sendo um eterno repetidor e ficando a mercê do que lhe é transmitido e da forma como lhe é transmitido.

No entanto, Morin (1999, p. 11) admite que, embora a palavra ensino não lhe baste, a “palavra educação comporta um excesso e uma carência”. Por isso, defende o que chamou de ensino educativo, onde a missão do ensino não é apenas a transmissão do saber, mas de mudar a forma como vemos a nós mesmos e ao mundo, possibilitando uma forma de pensar aberto e livre.

Essa mudança exige que pensemos no todo de forma global, juntando partes que se interligam para construir a realidade multifacetada e complexa em que vivemos. Nossa realidade inclui elementos que estão longe e perto ao mesmo tempo, graças à influência e aos produtos que a internet e as mídias nos proporcionam diariamente, onde nos deparamos com situações, pessoas e comportamentos que destoam dos que nos são comuns.

No próximo tópico, vamos apresentar como o cinema começou a ser incorporado às escolas e o que se esperava com isto. Contrapomos as ideias do governo brasileiro com as de outros países acerca do uso do cinema como recurso educacional.

### **3.1 Cinema e educação no Brasil: Origens**

Enio Freitas, em *História e Cinema*, apresenta um conjunto de fatos tomando por base a obra *Cinema e educação* de Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho (1930). Freitas utiliza-se deste livro para fazer uma análise do contexto histórico e das articulações de alguns setores influentes na sociedade da época.

Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho foram professores do Colégio Pedro II e da Escola Normal do Rio de Janeiro, vinculados ao Movimento Escola Nova. Atuaram durante o Estado Novo no Secretariado de Cinema e Imprensa, que estava sob o comando da junta nacional de Ação Católica Brasileira que, por sua vez, era encarregado da moralização do cinema nos moldes da Igreja Católica (FREITAS, 2012). Além de Serrano e Venâncio, o grupo Pioneiros da Educação ou Escolanovistas contou com educadores, intelectuais e políticos que defendiam o uso da educação para a modernização da sociedade brasileira (CATELLI, 2010).

Nessa época, o Brasil estava passando por sérias turbulências, golpes políticos, insurreições, governo provisório, fechamento do Congresso Nacional, das assembleias estaduais e municipais, deposição de governadores dos estados, revogação da Constituição de 1891 e uso de decretos-lei para governar. Era o Estado Novo e o Brasil estava em um governo provisório sob o comando de Getúlio Vargas.

Nesse período uma série de medidas foi criada em favor dos trabalhadores: criação do Ministério de Trabalho, Indústria e Comércio e o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, fixação da jornada de trabalho em oito horas diárias, regulamentação do trabalho das mulheres e crianças, adoção da lei das férias, instituição da carteira de trabalho, o direito a pensão e aposentadorias e investimento político nos sindicatos. (FREITAS, 2012)

De acordo com Romanelli, (2012 citado por Freitas 2012), até essa época o Brasil ainda era um país fundamentalmente agrário, por isso a população não tinha necessidade de uma formação escolar. Mas o avanço das classes médias urbanas criou a necessidade de uma educação que proporcionasse ascensão social e preparo para o trabalho nas fábricas. O que fez

surgir um movimento em favor da educação impulsionado pelos movimentos culturais e pedagógicos que reivindicavam reformas mais profundas.

Em 1932, foi publicado o Manifesto dos pioneiros da Educação Nova. Nele reconhece-se a educação como um problema social que poderia ser solucionado com o desenvolvimento das forças culturais. O manifesto denunciava a falta de organização no sistema educacional, pregava o fim da segregação social na educação, solicitava ação objetiva do Estado em prol da educação pública, que deveria ser gratuita, obrigatória, coeducativa e laica, e contaria com a colaboração dos pais e professores (AZEVEDO et al., 2010).

Neste cenário, o cinema, com destaque para o cinema nacional e educativo, este último amplamente utilizado nos Estados Unidos e Europa, teria um papel fundamental, pois ele seria o instrumento responsável por incutir a educação no cidadão iletrado. O processo de transformação do cidadão ficaria a cargo de alguns pensadores que transmitiriam aos incultos os conhecimentos necessários a sua alfabetização (FREITAS, 2012).

A partir da obra de Freitas (2012) é possível verificar que, apesar de muitos países adotarem o cinema como ferramenta educacional, eles o utilizaram e o entenderam de diversas maneiras. Enquanto nos Estados Unidos, os documentários eram produzidos por especialistas, abordavam temas variados, tinham duração média de 45 minutos e eram abertamente incentivados, em Bruxelas era discutida a moralidade do uso do cinema na escola e debatida a inconveniência da difusão de alguns filmes que não se adequavam ao ambiente moralizante que a escola deveria ter.

Já no Brasil, o cinema com fins educativos, apesar de ter começado em uma época de grande agitação política, procurava romper com alguns paradigmas sociais, pregando a superação dos interesses de classe. Nesse país até 1937, o cinema educativo não era unicamente uma forma de promover o controle político do Estado. O manifesto dos pioneiros da Educação Nova trazia à tona a ideia de uma formação cidadã, visando à construção da democracia. Contrariamente, na Itália, devido à alta taxa de analfabetismo, o uso do cinema possibilitava aos iletrados uma linguagem mais compreensível que o livro e o jornal, sendo considerado como resultado satisfatório nas salas de aulas, ao mesmo tempo em que tentava difundir valores do regime fascista (FREITAS, 2012).

Reconhecendo o cinema como, além de uma fonte de conhecimento e cultura, um instrumento para proporcionar a socialização dos indivíduos, Rosália Duarte (2002) contrapõe as ideias de socialização de Émile Durkheim e Georg Simmel.

Para Durkheim, a sociedade, representada pelos adultos, é responsável por inculcar no novo indivíduo os saberes necessários para conviver em sociedade. Seria então, inculcar no novo indivíduo um conjunto de crenças e valores já prontos e acabados. Já para Simmel, socializar é um processo que conta com a participação ativa do indivíduo, sendo ele agente e produto da interação social, o que implica num constante processo de socialização.

Duarte (2002), explica que muito do que somos hoje tem relação direta com as imagens cinematográficas a que temos contato e defende que não seríamos os mesmos se não tivéssemos essa experiência, independentemente da avaliação estética, política ou ideológica que possamos ter.

Por esse motivo, apresentamos no tópico a seguir o que autores e pesquisadores falam sobre o uso do cinema como ferramenta no processo educacional e algumas sugestões de como trabalhar com os filmes em sala de aula a partir dos elementos que o compõem.

### **3.2 Cinema e sala de aula: um discurso possível**

Neste tópico apresentamos diferentes gêneros cinematográficos e apresentamos formas de como eles podem ser utilizados como ferramenta no processo educativo.

O cinema possui vários gêneros cinematográficos que trabalham diferentes assuntos. De acordo com Napolitano (2010, p. 61), “o gênero influencia na receptividade da obra, pois sugere ao espectador como o filme deve ser visto, qual a dinâmica principal da fábula, o que deve ou não deve acontecer com as personagens e as situações dramáticas”. Ainda segundo esse autor, os gêneros ficcionais podem ser divididos em quatro grandes gêneros, denominados meta gêneros: Drama, Comédia, Aventura, Suspense. Esses grandes gêneros podem sofrer modificações, podendo ser mesclados ou subdivididos em outros gêneros mais específicos, por exemplo, o Western (banguê-banguê), Ficção Científica, Drama romântico, etc.

Dentre estes gêneros, há muitas produções que merecem ser discutidas e analisadas levando em consideração conteúdo, narrativa, discurso, técnica, tecnologia, etc.

Para o uso em sala de aula, as películas podem ser analisadas de diferentes formas a depender da matéria ou dos assuntos que o professor deseje trazer a baila das discussões.

Napolitano (2010) divide o estudo dos filmes de forma didática a partir dos elementos que o compõem, sendo eles conteúdo, linguagem e técnica. No primeiro caso, pode-se usar a narrativa para discutir problemas e questões que aparecem no filme, utilizando enredo, personagens, ambientações, variações linguísticas (sotaques, regionalismos, jargões...) ou trabalhar especificamente os temas, tais como, política, ética, ideologias, etc.

Na segunda forma de abordagem, o filme é utilizado para estudo da linguagem (discurso) em que se pode trabalhar a formação do discurso e o que ele deseja transmitir para o público, e a percepção, ou seja, a forma como o público entende o discurso. A terceira forma de abordagem ocorre quando se tem por finalidade estudar as técnicas (ângulos, planos, enquadramento, composição de cena, etc.) e as tecnologias desenvolvidas para o mercado cinematográfico (NAPOLITANO, 2010).

Apesar de todos os gêneros cinematográficos serem passíveis de análise e discussão, vamos nos concentrar nos documentários por serem mais frequentemente utilizados em sala de aula e por, na maioria das vezes, ser entendido como um registro documental dos fatos, o que causa controvérsia entre os teóricos da área. Por isso, no próximo tópico, procuramos explicar o que é documentário e apresentamos o que os teóricos falam sobre esse gênero tão emblemático.

### **3.3 Gênero Documentário**

Apresentamos neste tópico a visão de diferentes autores sobre o que vem a ser o gênero documentário e quais são suas principais características. Trazemos exemplos de novas formas de documentários que surgiram por meio da internet e das plataformas virtuais e qual o papel do usuário nesta nova forma de fazer documentário que mesclam diferentes gêneros do cinema.

O gênero documentário apresenta uma série de características que causam confusão em sua análise e interpretação, isso acontece porque, embora o documentário possua características próprias que o distingue dos demais gêneros, ele utiliza instrumentos e técnicas dos demais gêneros e vice-versa.

Por isso, o gênero documentário merece atenção especial, uma vez que suas características por vezes se confundem com outras formas de expressão, deixando dúvidas se realmente se trata de um filme documentário.

Para podermos diferenciar documentário de outros gêneros cinematográficos precisamos compreender, primeiramente, o que é um documentário e o simples fato de conceituá-lo gera uma série de questionamento entre os teóricos que estudam o assunto.

Há várias definições do que é documentário. Sacrini (2004, p. 8-9) acredita que documentário é “toda forma de registro e mediação da realidade humana nos diferentes suportes e meios considerando a incorporação das diversas formas de linguagem e suas particularidades intrínsecas [...]”. Penafria (1999) entende documentário como um registro dos fatos e se constitui como fonte de informação e Guynn (1990 citado por EITZEN, 1995) diz que documentário é apenas mais uma forma de ficção camuflada, afirmação feita tendo por base a ideia de que toda representação da realidade é uma forma de ficção, uma vez que se trata de uma visão particular e individual dos fatos.

Ficção e não ficção é uma das principais causas de discussões quanto à classificação dos gêneros cinematográficos. Autores como Sacrini afirmam que documentário é um tipo de filme não ficcional. Ao discutir sobre ficcionalidade de alguns gêneros Rondelli (1997, p. 152) diz que

Os diversos gêneros dos discursos televisivos, ao se construírem, tomam o real como referência para, sobre ele, produzirem aproximações ficcionais ou jornalísticas. No caso da televisão, os telejornais e documentários deveriam ser o reino dos discursos sobre o real, enquanto as telenovelas e seriados, o lugar da ficção. Entretanto, esses gêneros, além de não serem puros no modo como narrativamente constroem suas representações, convivem com uma série de outros gêneros que transitam entre os dois pólos sem nenhum compromisso de serem fiéis ou coerentes com a realidade ou com a ficção, e que ficam mergulhados numa região cinzenta.

De fato, o nascimento do cinema tem como característica a não ficcionalidade quando eram filmadas cenas do cotidiano, como o já mencionado trem chegando à estação. No entanto, no decorrer dos anos muitas mudanças ocorreram. Foram criados outros gêneros, foram desenvolvidas novas tecnologias e houve mudanças culturais e sociais que influenciaram a forma de pensar os filmes. O que resultou em gêneros mistos, causando divergência entre teóricos quanto as categoria de determinados filmes. Segundo Melo (2002, p. 25)

O documentário ocupa uma posição ambígua e polêmica na história, teoria e crítica do cinema. Se, por um lado, recorre a procedimentos próprios desse meio - escolha de planos, preocupações estéticas de enquadramento, iluminação, montagem, separação das fases de pré-produção, produção, pós-produção, etc. por outro, procura manter uma relação de grande proximidade com a realidade, respeitando um determinado conjunto de convenções: registro *in loco*, não direção de atores, uso de cenários naturais, imagens de arquivo etc.

Além de causar discussões entre os teóricos, os gêneros mistos tem causado confusão no público, porque alguns documentários que apresentam características não ficcionais são, na verdade, puramente ficcionais e vice-versa.

Melo (2002) aponta alguns filmes que apresentam características ambíguas com os quais os espectadores se equivocaram. A autora destaca o filme *A Bruxa de Blair* (Myrica & Sanches, 1999) que, embora se trate de um filme ficcional, é anunciado como sendo uma ficção documentada e muitos acreditaram realmente se tratar de um documentário, principalmente em decorrência da forma como as imagens foram capturadas com a câmera na mão. Há também filmes que são realmente documentários com características de ficção, como, por exemplo, o filme *Ilha das Flores* (Jorge Furtado, 1989), que já inicia por dizer que não se trata de um filme de ficção criando uma expectativa de realismo no espectador para, logo em seguida, apresentar um filme com uma história que embora apresente fatos os aborda de forma cômica. As cenas são formadas por meio de montagem, fugindo da forma canônica como os documentários são tradicionalmente conhecidos.

Sobre esse assunto Fiuza (2008, p. 244) dispara sobre o filme *Ilha das Flores*, dirigido por Jorge Furtado e lançado em 1989, “curiosamente, este filme se constrói como uma farsa na medida em que imita o gênero documental e o subverte na sua pretensa verdade irrefutável”. No entanto, ao analisar as imagens e o discurso, Fiuza (2008) admite, no entanto, que o filme usa o pretexto de apresentar a história de um tomate para revelar de forma irônica as diversas facetas da realidade, criando uma verdade a partir de dados exatos como as funções do telencéfalo, o número exato de um ciclo de radiação de um átomo de césio num segundo, o gráfico com a produção de tomates do Sr. Suzuki, etc.

Sobre as opções que o documentarista pode utilizar para a criação de um documentário, Melo (2002, p. 26) apresenta uma lista de possibilidades quanto às variações na utilização de determinados recursos, ficando a critério documentarista:

1. Usar a figura do locutor (*on* ou *off*);
2. Construir o filme apenas em cima de depoimentos;
3. Utilizar o recurso da reconstituição para contar a história;
4. Criar personagens para dar maior dramaticidade à narrativa;
5. Apresentar documentos históricos, etc.

O leque de opções para a criação de documentários aumenta e se diversifica a cada dia, principalmente em decorrência das novas tecnologias, linguagens e da internet. O webdocumentário ou documentário interativo, e o documentário animado são exemplos das novas formas com as quais o documentário vem trabalhando.

### **3.3.1 Webdocumentário ou documentário interativo**

Esse tipo de documentário ainda é bem recente e, portanto, há pouca literatura sobre o assunto. O material que aborda o tema é composto, em sua maioria, por trabalhos acadêmicos como teses, dissertações e artigos científicos, além de sites e blogs. Entre os autores que estudam as novas formas de documentários percebe-se que não há ainda um consenso quanto ao termo para denominar essa nova forma de produção que junta documentário e internet.

Alguns autores denominam este tipo de documentário como webdocumentário; documentário interativo, e documentário multiplataforma (BERNARDES, 2015). Primeiramente, para entender esta nova modalidade, precisamos entender que um documentário interativo tem características próprias que se diferenciam do documentário tradicional. Sobre isso Gaudenzi (2013, p. 26, tradução nossa) explica que

[...] o documentário interativo digital é um conceito ainda a ser claramente definido. O que está implícito em sua terminologia é que um documentário interativo precisa usar um suporte digital e ser interativo. Um documentário linear que foi filmado com tecnologia digital, e que é distribuído na Web, é um documentário digital, mas não um interativo. Em outras palavras, em um documentário interativo o usuário precisa ter uma agência<sup>1</sup>: ela deve ser capaz de fisicamente "fazer algo" com / para o artefato<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> A autora esclarece que o termo 'agency' foi definido por Janet H. Murray como "o poder satisfatório de tomar medidas significativas e ver os resultados de nossas decisões e escolhas" (1997: 126). (GAUDENCI, 2013, p.26, tradução nossa) "Agency has been defined by Janet H. Murray as 'the satisfying power to take meaningful action and see the results of our decisions and choices' (1997:126)"

<sup>2</sup> "[...] digital interactive documentary is a concept yet to be clearly defined. What is implicit in its terminology is that an interactive documentary needs to use a digital support, and be interactive. A linear documentary that has been shot with digital technology, and that is distributed on the Web, is a digital documentary but not an interactive one. In other words, in an interactive documentary the user5 needs to have an agency: she must to be able to physically "do something" with/to the artefact".

A partir da consideração acima podemos inferir que nem todo documentário que está disponível na web deve ser considerado como um documentário interativo. Castells considera que a

A participação do usuário é o elemento chave que articula toda a engrenagem de que parte este novo gênero audiovisual. O leitor ou usuário (agora interador, participante e contribuidor) adquire neste novo formato as conotações próprias de um autor e em certo modo se converte no criador de um próprio documentário personalizado, já que dirige o controle da navegação (e por extensão, a ordem do discurso) e utiliza o grande poder que a interação permite (a característica que diferencia o meio digital interativo graças a sua interface)<sup>3</sup> (CASTELLS, 2013, p. 30-31, tradução nossa).

Percebemos que no documentário interativo o papel do usuário é um fator determinante. No entanto, a interatividade do usuário pode ser variada dependendo do tipo de categoria em que o documentário está inserido. Nash (2012 citado por PEIXOTO 2015) desenvolveu três categorias para os webdocumentários, sendo eles: o narrativo; o categórico; o colaborativo.

O narrativo possui uma estrutura parecida ao documentário tradicional, onde a narrativa é linear e apresenta o ponto de vista de alguém que nos guia através da narrativa. Segundo Peixoto (2015, p. 101), nesta categoria está os “webdocumentários que buscam trabalhar a narrativa apoiados nas tradições documentais, com forte argumento sobre o mundo histórico, em um ambiente que tem, como singularidade, abrigar materiais que desafiam a linearidade ao se contar histórias”. Este tipo de documentário permite certa interatividade, como, por exemplo, o usuário poderá percorrer os ambientes onde a narrativa acontece tais como, desbravar uma cidade perdida, um mergulho com tubarões, etc. Em alguns casos, o usuário pode participar de fóruns e debates utilizando as mídias sociais e trocar experiências com outros usuários. Exemplo desta categoria é o webdocumentário *Prison Valley* (2011), de David Dufresne e Philippe Braultque, produzido pela *Upian* e distribuído pela Arte. TV.

Este documentário retrata um condado americano e sua economia associada às 13 penitenciárias privadas que se localizam na região. O webdocumentário pode ser assistido em

---

<sup>3</sup> La participación del usuario es el elemento clave que articula todo el engranaje del que parte este nuevo género audiovisual. El lector o usuario (ahora interactor, participante, y contribuidor) adquire en este nuevo formato las connotaciones propias de un autor y en cierto modo se convierte en el creador de un propio documental personalizado, ya que dirige el control de la navegación (y por extensión, el orden del discurso) y utiliza el gran poder que la interacción permite (la característica definitoria que diferencia el medio digital interactivo gracias a su interfaz).

inglês, francês e alemão. O usuário pode se cadastrar no site, uma espécie de pensão, através do *Facebook* ou *Twitter*, dessa forma ele pode salvar onde pausar a narrativa e posteriormente retomar de parou, além de se tornar um meio para divulgação do webdocumentário.

Depois de realizar o cadastro o usuário passa a ter um quarto de onde pode visitar fóruns de discussão, pesquisar documentos coletados durante a narrativa (fotos, vídeos, textos, sons), entre outras coisas. *Prison Valley* ganhou a segunda edição do prêmio *France 24-RFI* de webdocumentário que faz parte do festival de fotojornalismo *Visa Pour L'Image* em Perpignan, França<sup>4</sup>.

A segunda categoria diz respeito ao modo categórico que se caracteriza por possuir uma estrutura narrativa diferenciada. Nele, a história é composta por fragmentos, vídeos curtos que compõem uma coleção de mini narrativas, que não precisam estar organizadas sequencialmente. Como exemplo dessa categoria, temos o webdocumentário *O Som dos Sinos*, que faz parte de um projeto cujo objetivo é promover a divulgação do patrimônio imaterial.

De acordo com o site do projeto,

O Som dos Sinos – 9 cidades, 40 toques e outras histórias, é um projeto multiplataforma e pioneiro na utilização de novas mídias para a divulgação do patrimônio imaterial. Tendo como foco o Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro, o projeto trabalha com a combinação entre memória e novas tecnologias, cartografia sonora, engajamento da sociedade civil e valorização dos indivíduos detentores dos saberes registrados como patrimônio<sup>5</sup>.

O webdocumentário *O som dos sinos* apresenta nove cidades de Minas Gerais por onde o usuário pode navegar pelo contexto dos sinos a partir da cidade escolhida. Cada usuário tem uma experiência única, visto que pode escolher seu itinerário a partir de hiperlinks. As cidades escolhidas para compor a narrativa foram São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes, onde são conhecidos mais de 40 toques de sinos, que identificam ritos litúrgicos, mortes, tipos de missas, partos, incêndios, horários sacros.

---

<sup>4</sup> Informações retiradas do site Webdocumentários e novas narrativas interativas. Disponível em: < <http://webdocumentario.com.br/webdocumentarios/prison-valley-um-road-movie-interativo/>>. Acesso em: 05/06/2017.

<sup>5</sup> Projeto O som dos sinos. Disponível em: < <http://somedossinos.com.br/sobre/>>. Acesso em: 05/06/2017.

Outro exemplo desta categoria são os webdocumentários 360 graus. Neste caso, o usuário pode navegar através das imagens que compõem o filme, explorando diferentes direções através de controles colocados na tela ou movimentando o mouse, podendo virar para esquerda, direita, para cima ou para baixo, fazer um giro, etc., em outras palavras, a câmera não grava somente o ângulo de visão dos personagens, ela explora seu entorno. Por isso o webdocumentário chama-se 360 graus.

O webdocumentário 360 graus *Beyond the map* produzido pela Google é um exemplo que se encaixa nesta categoria.

Um conjunto de câmeras que capta imagens em todas as direções foi montado sobre uma moto e acompanhamos seu deslocamento por morros e vielas cariocas. Nas paradas do trajeto, vamos conhecendo moradores desses locais, que nos contam de suas atividades e sonhos – tudo dentro de um princípio de mostrar que “favela não é só violência”. Além do vídeo 360, o webdocumentário traz uma série de componentes interativos, como pequenas intervenções gráficas que trazem informações complementares – fotos ou textos, por exemplo. Há também a opção de navegação pelo mapa, escolhendo-se as histórias a partir do local de moradia dos retratados<sup>6</sup>.

Na terceira categoria, temos o modo colaborativo. Ele é assim chamado porque o usuário não somente é convidado a interagir e a navegar pelos espaços digitais concebidos pela narrativa, mas o usuário pode colaborar com o conteúdo do webdocumentário por meio de gravações feitas por ele próprio. Nesta categoria, temos como exemplo o webdocumentário *Life in a Day*, produzido pelo *Youtube*. Para participar era necessário gravar um vídeo de algum acontecimento ocorrido no dia 24 de julho e fazer o *upload* até 31 de julho de 2010.

Segundo a matéria *Life in a Day: Around the world in 80,000 clips*<sup>7</sup> do jornal *The Guardian*, o site *Youtube* recebeu mais 81.000 vídeos enviados de 192 países que totalizaram cerca de 4.500 horas. De acordo com o site *Webdocumentários e novas narrativas interativas*<sup>8</sup>, a ideia do projeto era reunir uma expressiva quantidade de imagens realizadas ao redor do mundo, procurando entre cada uma, ligações temáticas ou temporais. A versão final do documentário está disponível no *Youtube*.

---

<sup>6</sup> Trecho retirado da resenha disponível no site *Webdocumentários e novas narrativas interativas*. Disponível em: < <http://webdocumentario.com.br/webdocumentarios/alem-do-mapa-%E2%80%93-o-google-e-os-webdocumentarios/>>. Acesso em: 05/06/2017.

<sup>7</sup> Disponível em: < <https://www.theguardian.com/film/2011/jun/07/life-in-a-day-macdonald>>. Acesso em: 05/06/2017.

<sup>8</sup> Disponível em: < <http://webdocumentario.com.br/para-saber-mais/life-in-a-day-documentario-cinematografico-promete-criar-uma-documentacao-historica-sobre-a-vida-na-terra/>>. Acesso em: 05/06/2017.

Através destas três categorias, percebemos que, em maior ou menor escala, todos interagem com o usuário. Ele, diferentemente do documentário transmitido no cinema ou na televisão, não é mero expectador. Mesmo que não de forma direta como no caso do colaborativo, o usuário participa explorando os ambientes digitais da narrativa ou tendo a opção de escolher as cenas que ele deseja assistir, não sendo obrigado a ver todo o conteúdo do webdocumentário.

### 3.3.2 *Documentário Animado*

O ‘documentário animado’ mescla o documentário e o filme de animação ficando na fronteira entre ficção e não ficção, o que suscita uma série de questionamentos sobre essa nova de trabalhar o documentário. Isso se deve ao fato de que, como já foi falado, o documentário representa um comprometimento com a realidade e os filmes de animação estão associados ao imaginário. Como expõe Serra (2011, p. 239),

Em paralelo a uma visão restrita de documentário como modo de discurso objetivo sobre o real, a animação esteve fortemente associada ao universo do imaginário desde os primórdios, além de possuir uma natureza não objetiva por sua evidente construção. Esses fatores sublimaram o potencial da animação para tratar de aspectos do mundo real e, ao mesmo tempo, distanciaram-na do campo do documentário, ou, de forma mais abrangente, do campo dos discursos não ficcionais.

No entanto, apesar de ser frequentemente associado ao mundo imaginário, o uso de desenho nas produções documentárias remonta ao início do século XX, quando Grieson percebeu o potencial do uso das animações para dar mais vida e dinamismos aos filmes, como assegura Arrais (2012, p. 69),

A serventia das animações para dar suporte aos argumentos dos filmes documentários foi logo percebida pelo grande patrono deste tipo de cinema: o britânico John Grieson. Ele viu como as imagens animadas ajudavam a dar mais vida e dinamismo aos filmes de cunho didático e informativo, encaixando-se perfeitamente no seu conceito de que o documentário é o “tratamento criativo da realidade”.

Porém, apesar de o desenho animado ter sua história atrelada aos documentários desde o século XX, foi somente a partir dos anos 2000 que a animação começou a ser utilizada com mais propriedade. Como aponta Arrais (2012, p. 76) “se a animação já fertilizava experimentos de não ficção em curtas desde a última década do século passado, (...), nos anos 2000 acabou por se tornar fonte de estímulo à criatividade no âmbito dos documentários de longa-metragem”. Exemplo clássico deste tipo de ‘documentário animado’ é filme de longa-metragem *Valsa com Bashir* que é um filme complexo, onde o diretor e personagem do documentário, Ari Folman, faz uso do desenho animado para tratar a

subjetividade dos personagens, ao mesmo tempo em que retrata cenas do conflito entre Israel e Palestina, na guerra do Líbano.

Folman procura tratar no enredo da subjetividade dos ex-combatentes que serviram com ele na guerra do Líbano. O filme começa com Folman tendo um sonho sobre um ataque de cães que aconteceu durante a guerra e se deparando com o fato de que ele possuía poucas lembranças dessa época, dando origem a sua jornada para recuperar suas memórias através de conversas com seus amigos de farda.

Arrais (2012, p. 83), em sua dissertação de mestrado, faz uma análise à luz da subjetividade dos personagens e apresenta sequências do filme, destacando as memórias representadas no documentário.

A partir das associações possibilitadas pelo recolhimento das outras experiências, Ari Folman foi reconstituindo o período em que estava na guerra. Lembranças dos soldados mortos e mutilados, das horas atirando a esmo num inimigo desconhecido, do ataque a uma criança palestina que atirava com uma bazuca no meio de um pomar, da angústia de retornar para casa e ver como a realidade seguia alheia ao conflito. Lembranças de sua infância e de sua namorada à época do conflito – inclusive uma alucinação na qual ela participava de seu próprio enterro (sequência 10). Além da valsa surreal “dançada” pelo companheiro Frenkel no meio de um pesado tiroteio em Beirute, tendo a imagem de Bashir Geymael ao fundo – daí a inspiração para o título do filme (sequência 10).

O uso da animação permitiu que o espectador acompanhasse junto com o personagem de Folman os acontecimentos que se passaram durante o conflito. Assim como, permitiu explorar o mundo dos sonhos e das alucinações, fazendo com que a subjetividade fosse desnudada. O filme explora temas ligados ao psicológico dos personagens que a narrativa procura demonstrar através do poder comunicativo da animação. De acordo com o crítico francês Christian Delange<sup>9</sup>, *Valsa com Bashir* concorreu no festival de Cannes de 2008 e, embora não sendo o vencedor, “foi longamente aplaudido na grande sala do palácio” de Cannes, sendo considerado como a “primeira grande surpresa do festival”.

*Valsa com Bashir* provou que a animação pode ser usada como meio para retratar a realidade, a subjetividade e o conflito armado do Líbano que aconteceu em 1982. O filme é classificado como sendo um longa-metragem de animação, biografia e documentário.

---

<sup>9</sup> “a été longuement applaudi hier soir dans la grande salle du Palais”. “Première grande surprise du festival”. Artigo disponível em: <[http://christiandelage.blogspot.com.br/2008/05/cannes-2008\\_18.html](http://christiandelage.blogspot.com.br/2008/05/cannes-2008_18.html)>. Acesso em: 06/06/2017.

### 3.4 O uso do documentário nas disciplinas da unidade curricular I

Até agora abordamos a origem e desenvolvimento do cinema e do documentário como gênero cinematográfico e sua relação com a sociedade. Apresentamos as tecnologias que foram usadas no desenvolvimento de uma nova forma de linguagem e de comunicação que se aproxima do espectador, transmitindo uma mensagem de cunho verídico, no caso do documentário ou fictício, no caso dos demais gêneros, mas que ainda assim se configura como mensagem. Agora, falaremos um pouco sobre as disciplinas no curso de Biblioteconomia que utilizam os documentários como ferramenta no processo ensino-aprendizagem.

O currículo acadêmico do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, segundo o Projeto Pedagógico<sup>10</sup> atualizado em 2006, está dividido em sete unidades, como apresentado no quadro 1, abaixo.

Quadro 1 - Unidades curriculares e suas respectivas disciplinas

<b>UNIDADES CURRICULARES E SUAS RESPECTIVAS DISCIPLINAS</b>			
Unidade Curricular	Disciplinas	Carga Horária	Créditos
I - Fund. Teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação.	Introdução à Filosofia	64h /a	04
	Introdução a Sociologia	64 h/a	04
	Teoria da Informação e da comunicação	64 h/a	04
	Cultura e Mídia	64 h/a	
	Introdução à Biblioteconomia	32 h/a	
	Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação	64 h/a	
	Informação e Sociedade	64 h/a	
	História dos Registros do Conhecimento	64 h/a	
	Teoria e Prática da Leitura	64 h/a	
	Total	544 h/a	34
II- Processamento da Informação	Linguagens Documentárias Alfanuméricas – CDD	48 h/a	03
	Linguagens Documentárias	48 h/a	03

<sup>10</sup> Disponível no site: <[https://si3.ufc.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt\\_BR&id=657457](https://si3.ufc.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&id=657457)>. Acesso em: 06/06/2017.

	Alfanuméricas – CDU		
	Linguagens Documentárias Alfabéticas	64 h/a	04
	Controle dos Registros do Conhecimento	48h/a	03
	Representação Descritiva da Informação I	64h/a	04
	Representação Descritiva da Informação I	64h/a	04
	Representação Temática de Informação: Indexação	96h/a	06
	Recuperação da Informação	64 h/a	04
	Editoração	48 h/a	03
	Total	544 h/a	34
III - Recursos e Serviços de Informação	Fontes Gerais de Informação	64 h/a	04
	Fontes Especializadas de Informação	96h/a	06
	Serviços de Informação	64 h/a	04
	Formação e Desenvolvimento de Acervos	64h/a	04
	Total	288h/a	18
IV - Gestão de Unidades de Informação	Gestão de Unidades de Informação	64/há	04
	Planejamento de Unidades de Informação	96h/a	06
	Organização, Sistemas e Métodos em Unidades de Informação	64h/a	04
	Gestão de Recursos Humanos em Unidades de Informação	64h/a	04
	Total	288 h/a	18
V - Tecnologias da Informação	Informática Aplicada à Biblioteconomia e Ciência da Informação	64 h/a	04
	Tecnologias da Informação I	64h/a	04
	Tecnologias da Informação II	64h/a	04
	Informática Documentária II	64 h/a	04
	Geração e Uso de Bases de Dados para Unidades de Informação	64 h/a	04
	Total	320h/a	20
VI – Pesquisa	Introdução à Pesquisa Documentária	32h/a	02
	Metodologia do Trabalho Científico	64h/a	04
	Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação	64h/a	04

	Métodos Quantitativos em Biblioteconomia e Ciência da Informação	64h/a	04
	Estudo de Comunidades e de Usuários	64 h/a	04
	Monografia I	32h/a	02
	Monografia II	32h/a	02
	Monografia III	32h/a	02
	Total	384h/a	24
VII – Estágio	Estágio Supervisionado I	96h/a	06
	Estágio Supervisionado II	96h/a	06
	Estágio Supervisionado III	96h/a	06
	Total	288h/a	18

Fonte: Projeto Pedagógico do curso de Biblioteconomia

As disciplinas do quadro acima são distribuídas nos oito semestres de duração do curso. Para realização da presente pesquisa utilizamos a unidade curricular I, mais especificamente as disciplinas Teoria da Informação e Comunicação; Cultura e Mídia; e Informação e Sociedade como *Corpus*. Estas disciplinas são ministradas no segundo, quarto e quinto semestres respectivamente.

Optamos por trabalhar com estas disciplinas porque os documentários são utilizados com frequência, fazendo parte da metodologia de ensino adotado, enquanto as demais não os utilizam ou o fazem esporadicamente.

O uso de documentários, aliados a textos e discussões em sala vem sendo muito utilizado nas escolas, universidades e Institutos e encontra respaldo em pesquisas de vários teóricos que estudam métodos e metodologias de ensino. Segundo Bentes (2008, p. 41)

A produção audiovisual, e o documentário em particular, encontra na escola, no ensino médio, nas Universidades e na educação não-formal um lugar privilegiado de renovação do modelo disciplinar dos currículos atuais, trazendo a possibilidade de propostas e experiências inovadoras, novas metodologias, processos e linguagens.

Os documentários, por meio das imagens e dos conteúdos vinculados, proporcionam um novo olhar sobre as temáticas apresentadas, Almeida (2000) denomina essa forma de ensino como educação visual, onde as imagens e sons, língua escrita da realidade, são artefatos de memória representados por imagem em movimento. O autor explica que

O conhecimento visual de inúmeras outras representações já vistas participam da educação cultural, estética e política e da educação da memória. Uma educação visual cuja configuração estética é uma configuração política e cultural e uma forma complexa do viver cultural e social permeado de representações visuais em que

percepção - ver as imagens, identificar com anteriores e imaginação - ligar mentalmente uma à outra e ao assunto e, ao mesmo tempo, imaginar os elementos que as constituem, entender as proporções (e as desproporções) e as pessoas e coisas que nelas aparecem para percebê-las como uma história. Estamos dentro de um processo de educação cultural da inteligência visual. (ALMEIDA, 2000, p. 2)

Essa interpretação vai ao encontro do ponto de vista de José Moran, que defende que o uso de vídeo “desenvolve múltiplas atitudes perceptivas: solicita constantemente a imaginação e reinveste a afetividade com um papel de mediação primordial no mundo” (MORAN, 1995, p. 29). Percebemos que os autores concordam que o filme possibilita a imersão através do ver, o que estimula a capacidade perceptiva e imaginativa que juntas estimulam a capacidade cognitiva no processo de aprendizagem.

Neste tópico, apresentamos as unidades curriculares do curso de Biblioteconomia e identificamos as disciplinas que foram utilizadas como *corpus* para esta pesquisa. No próximo capítulo, apresentamos a metodologia utilizada na realização da pesquisa, assim como, os métodos utilizados para a obtenção e interpretação dos dados coletados.

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 Natureza da pesquisa**

A pesquisa científica necessita seguir um rigor metodológico, dessa forma, o pesquisador utiliza um método para guiar seus passos. Marconi e Lakatos (2003) explicam que método é um agrupamento de atividades que são realizadas de maneira racional seguindo um método organizado que permite alcançar um resultado.

O método escolhido para essa pesquisa foi o indutivo que se trata de “um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas” (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 86). A partir do referencial teórico apresentado, podemos inferir que os documentários, como ferramenta no processo de ensino-aprendizado, apresentam bons resultados quando utilizados de forma adequada. As ementas das disciplinas indicam que os documentários são bem utilizados. Logo, os documentários são boas ferramentas no processo de ensino-aprendizagem e apresentam bons resultados nas disciplinas mencionadas.

### **4.2 Características da pesquisa**

No que compete as suas características, esta pesquisa, quanto à abordagem, é de caráter qualitativo, visto que se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados. Essa abordagem, segundo Minayo (2002) tem como finalidade compreender os significados das ações e relações humanas.

No que tange à natureza, ela visa gerar conhecimentos para uma aplicação prática sendo, portanto uma pesquisa aplicada. Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, pois realiza o levantamento de opiniões acerca de um determinado fenômeno em uma determinada população (GIL, 2008).

A pesquisa foi realizada em 2016 e 2017, sendo os semestres de 2016.2 e 2017.1 reservados para a elaboração do referencial teórico com o propósito de apresentar autores e teorias sobre o assunto. No semestre 2017.2, realizamos o levantamento e análise de dados.

A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira consistiu em um pré-teste realizado por meio da aplicação de questionário estruturado contendo seis perguntas, sendo quatro perguntas abertas e duas fechadas. As perguntas fechadas serviram para caracterizar os dados sobre fatos concretos e fáceis de precisar.

A análise das perguntas abertas foi feita através da técnica de análise de conteúdo que segundo Bardin (1977, p. 42) trata-se de

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Depois de coletar e analisar os dados coletados no pré-teste, separamos as informações obtidas em categorias e a partir delas elaboramos e aplicamos um segundo questionário nos mesmos locais e nas mesmas condições que o anterior.

A análise foi realizada de acordo com as etapas estipuladas por Bardin (1977) que engloba três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na etapa de análise e interpretação dos dados foram utilizadas tabelas para a classificação e ordenação das palavras e frases apresentadas nos questionários. Essas palavras e frases foram agrupadas segundo categorias semânticas e quantificadas em relação à frequência de aparições nas respostas. E, a partir da análise desses agrupamentos de palavras, foram elaborados gráficos para demonstrar as ocorrências e analisar traços subjacentes ao conteúdo analisado.

### **4.3 Caracterização dos participantes e ambiente da pesquisa**

A pesquisa científica, para alcançar os objetivos estabelecidos, deve selecionar uma população ou uma amostra da população para realizar os estudos. A seleção da população implica a totalidade de seus indivíduos, enquanto que a amostra leva em consideração apenas uma parcela da população (GIL, 2008).

Escolhemos como ambiente da pesquisa, as disciplinas que fazem parte da unidade curricular I do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. No entanto, verificamos que do total de disciplinas que compõem essa unidade curricular apenas três delas utilizam documentários com instrumento de ensino-aprendizagem com frequência, sendo esse recurso parte de uma metodologia de ensino que envolve discussão em sala e produção textual. São elas as disciplinas Teoria da Informação e Comunicação; Cultura e Mídia; e Informação e Sociedade. As demais disciplinas não utilizam este recurso ou o utilizam esporadicamente. Dessa forma, optou-se por realizar a pesquisa levando em

consideração apenas estas três disciplinas. Apresentamos no quadro 2, a seguir, justificativa, objetivos e metodologia das disciplinas selecionadas.

Quadro 2 - Informações sobre as disciplinas utilizadas na pesquisa

<b>DISCIPLINAS USADAS NA PESQUISA</b>			
	<b>Justificativa</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Metodologia</b>
Teoria da Comunicação e Informação	Compreender e refletir sobre o papel dos meios de comunicação na sociedade, apresentando estratégias de como esses meios atua na forma de pensar das pessoas.	Estudar a origem e as atualizações das teorias da informação e da comunicação e de como eles foram e são aplicadas nas diferentes situações e épocas e seu papel nos acontecimentos históricos.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Leitura e discussão dos textos;</li> <li>2. Assistência de documentários e filmes que refletem o conteúdo dos textos lidos para subsidiar a aplicação de conhecimentos;</li> <li>3. Discussão sobre o conteúdo dos textos e sobre os documentários e filmes assistidos no horário de aula;</li> <li>4. Produção de portfólio a partir dos textos, dos documentários e experiências pessoais.</li> </ol>
Cultura e Mídia	Refletir e discutir sobre as culturas e suas relações com o tempo e espaço midiáticos, realçando os papéis culturais que cabem aos profissionais da área de Humanidades.	Analisar, discutir e explorar as bases teóricas e conceituais sobre os fenômenos culturais e suas extensões pela mídia na contemporaneidade.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Exposição de slides</li> <li>2. Debate e discussão de textos,</li> <li>3. Exibição de filmes e documentários,</li> <li>4. Palestras com profissionais de áreas transversais,</li> <li>5. Aula de campo</li> <li>6. Produção de relatórios</li> <li>7. Apresentação de seminários</li> </ol>
Informação e Sociedade	Trabalhar teoricamente os conceitos de “informação, modernidade, indivíduo, sociedade e seus desdobramentos para verificar através destes conceitos, os	Fornecer elementos teórico-conceituais aos alunos de modo a lhes possibilitar entender melhor as complexas relações entre informação e sociedade, atentando para seus desdobramentos nas diferentes esferas da vida cotidiana.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Leitura e debate dos textos</li> <li>2. Realização de seminários e fichamentos.</li> </ol>

	fenômenos informativos e suas contrapartidas socioculturais e políticas no cotidiano”.		
--	--	--	--

Fonte: adaptado das ementas das respectivas disciplinas

A disciplina de Informação e Sociedade é dividida em quatro unidades e, embora não esteja explícito na ementa, ao final de cada unidade é apresentado um filme para sintetizar os assuntos da unidade e realizar um debate de todos os conteúdos trabalhados.

No capítulo seguinte apresentamos a análise e interpretação dos dados coletados. Primeiramente analisamos os dados coletados no pré-teste e a partir dele, passamos para a segunda fase da pesquisa que consistiu na aplicação de um segundo questionário, estruturado a partir das categorias criadas, e entrevista com os professores.

## 5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

### 5.1 Pré-teste

Ao realizarmos a leitura flutuante e separação do material para análise, percebemos que muitas respostas contém o mesmo significado, embora colocados com palavras e expressões diferentes, por isso, recorreremos ao procedimento de reunir e descontar as palavras idênticas, sinônimas ou próximas semanticamente. Agrupamos também palavras que, embora não tenham correspondentes sinonímicos, aparecem com frequência e são chaves na interpretação dos dados. O quadro 3, representado abaixo, será utilizado para a análise de todas as questões, pois, para não termos retrabalho, agrupamos as palavras de modo geral e não por questão.

Quadro 3 - Termos, palavras e expressões sinônimas e a quantidade de vezes que foram utilizadas

<b>Palavras repetidas, sinônimas e/ou próximas semanticamente / quantidade de ocorrências.</b>
Acesso (3); acessibilidade (2);
Aprendizagem (5); aprendizado (6);
Atenção (10); entreter (2);
Cansativo (10); enfadonho (1);
Compreender (9); compreensão (42); assimilação (3); compreensível (4); conhecimento (10);
Conteúdo (44); assunto (27), texto e artigo (28);
Debate (12); discussão (12), discutir (2); interatividade (2); interação em sala (2); interação (8); experiências (6); ponto de vista (3); críticas (2);
Didático (5); didática (6);
Dinâmica (2); dinamismo (7);
Excesso (6); excessiva (1); quantidade (2);
Exemplo (3); opinião (3);
Exposição (3); explanação (3); explicação (3); elucidar (2); reflexões (2);
Facilidade (7); fácil (10);
Fatos (7); histórico (6); contexto (2); tempo (8);
Imagem (3); vídeo (1);
Linguagem (15);
Participantes (1); alunos (9); professor (12);
Percepção (4); visão (12); entendimento (15);
Qualidade (2); material ruim (2);
Rotina (4); tradicional (1);
Temas (2); temática (3);
Variação (2); diversificação (2);

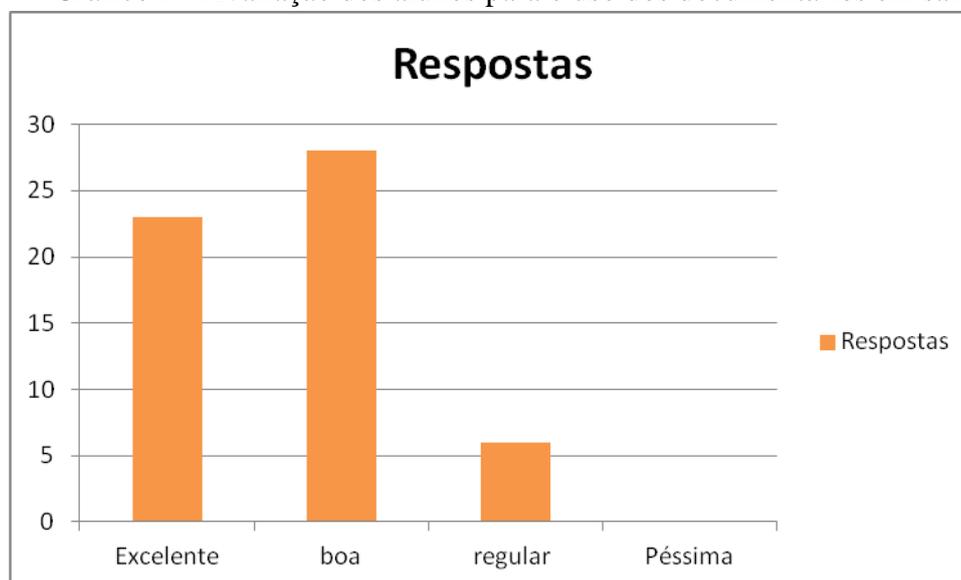
Fonte: dados da Pesquisa

As palavras apresentadas na tabela são as de maior representatividade nas respostas e o número entre parêntese representa a quantidade de vezes que elas foram utilizadas nas respostas abertas. A partir desta lista, elegemos os termos que melhor representa o tema para análise. Uma vez realizada a extração das palavras, partimos para análise das questões.

## QUESTÃO 1

Na primeira questão, perguntamos como os alunos avaliam o uso dos documentários como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem e pedimos para que eles justificassem a avaliação. Coletamos um total de 57 respostas distribuídas da seguinte forma: Excelente, 23; Bom, 28; e regular, 6. Não houve respostas para a opção péssima. Ilustramos as respostas coletadas no gráfico 1, abaixo.

Gráfico 1 - Avaliação dos alunos para o uso dos documentários em sala



Fonte: dados da pesquisa

Uma vez analisada e condensada as respostas por unidade temática, obtivemos o quadro 4 que representa os motivos para a avaliação da metodologia.

Quadro 4 - Justificativas para a avaliação dos documentários

<b>TEMAS</b>	<b>QUANTIDADE DE RESPOSTAS</b>
Compreensão do conteúdo	14
Melhorar a Percepção	7
Sair da rotina	2
Interação em sala	6
Explicação do conteúdo	4
Prender a atenção	5
Excesso de filmes	7
Qualidade dos filmes	2

Fonte: dados da Pesquisa

Ao analisarmos os dados percebemos que as respostas correspondiam a determinados padrões, sendo possível agrupá-las em categorias específicas. Por exemplo, as respostas que correspondiam ao tema ‘compreensão do conteúdo’ indicavam que os documentários ajudavam aos alunos de forma pessoal e individual, ajudando na compreensão de algum trecho dos textos que não ficaram claros, percebendo detalhes ou informações acerca do assunto ou contexto que não foram captados apenas com a leitura.

Já os respondentes que mencionaram ‘interação em sala’, perceberam que os documentários auxiliavam no debate e discussões que ocorriam em sala e que as trocas de experiências enriqueciam a discussão. Dessa forma, os documentários auxiliavam na apreensão do conhecimento de forma coletiva.

Os alunos que falaram ‘prender a atenção’ fizeram referência às imagens e ao fato de o documentário ser lúdico, quebrando a rotina das aulas em formato tradicional, e também por utilizar linguagem fácil e cotidiana, o que facilita a associação com acontecimentos e experiências pessoais.

As respostas que foram agrupadas no tema ‘explicação’ se relacionavam com o papel do professor como mediador e facilitador na apreensão do conhecimento durante os debates e discussões dos documentários, facilitando o entendimento do assunto da disciplina, utilizando cenas e exemplos dos filmes, também mencionaram que aproxima professor e alunos melhorando a interação entre eles, uma vez que o professor também compartilha suas

próprias experiências e vivências, o que faz os alunos se sentir mais à vontade para interagir e participar.

As respostas que mencionaram ‘qualidade’ se referem também ao professor, dessa vez associado a seu papel na escolha dos vídeos, tanto em relação ao quesito conteúdo quanto a qualidade da imagem e do som, incluindo legenda e acessibilidade para pessoas com deficiência auditiva. A respeito da qualidade dos vídeos, houve algumas críticas, porque nem sempre os vídeos apresentam boa imagem, algumas legendas têm letras pequenas ou em dois idiomas, o que dificulta acompanhar o filme. Houve críticas quanto à utilização de filmes que usam uma linguagem difícil de entender com utilização de termos técnicos que estão além da compreensão dos alunos. Neste caso, sugeriram pausar o filme em determinadas cenas e fazer uma explicação ou dividir o filme em partes, diminuindo o tempo dedicado ao filme por aula e aumentando o tempo para debate.

Alguns respondentes avaliaram a metodologia como sendo boa, porém fizeram ressalvas apontando como pontos negativos a quantidade de tempo que os filmes demandam para serem assistidos e o fato dos filmes não serem atuais ou acessíveis, no sentido de não ser facilmente localizados para serem vistos posteriormente. Em relação à quantidade, relataram o uso em excesso do recurso que deixavam as aulas cansativas, enfadonhas, monótonas e acabava por deixá-los desmotivados.

Esta questão trouxe uma variedade de argumentos, o que já era esperado, uma vez que em um grupo com indivíduos heterogêneos com gostos e preferências diferentes, a visão sobre determinado assunto são bem diversos, se destacando um ou outro aspecto do todo.

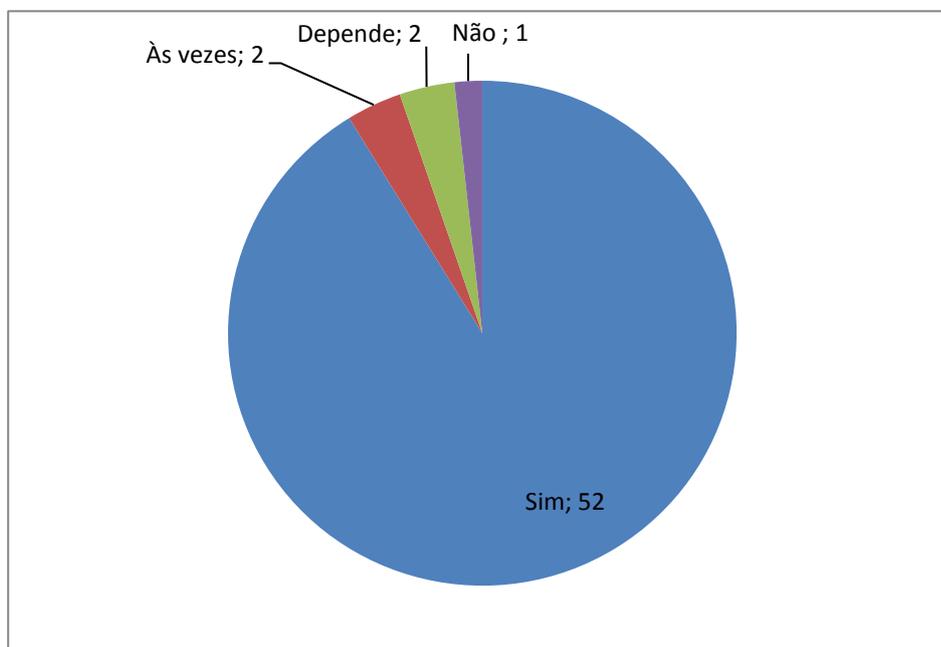
No entanto, essa heterogeneidade é positiva, pois favorece a interação e a troca de experiências. De forma individual, a busca pelo conhecimento é um desafio pessoal, cabendo ao estudante se apropriar das ferramentas que são utilizadas para facilitar tal busca. Mas não se limitando a elas. O Professor, enquanto mediador e facilitador da informação deve instigar no aluno essa busca, sendo uma bússola para nortear a procura, e não a pessoa responsável por inculcar na cabeça dos alunos o conhecimento (MORIN, 1999).

## **QUESTÃO 2**

Na segunda questão perguntamos se utilizar documentários como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem favorece a interação entre alunos e professores nas

discussões dos temas relativos à disciplina e o por que. As respostas obtidas foram ilustradas no gráfico 2, abaixo;

Gráfico 2 - Avaliação da interação entre alunos e professores nas discussões a partir do uso dos documentários.



Fonte: dados da Pesquisa

Utilizamos a separação das respostas por unidades temáticas e obtivemos o quadro 5 ilustrado a seguir.

Quadro 5 - Interação entre alunos e professores nas discussões em sala

TEMAS	QUANT. DE RESPOSTAS
<b>Sim</b>	
Debates em sala	33
Melhorar a percepção de detalhes	4
Compreensão do conteúdo	4
Melhora a explicação do conteúdo	6
Quebrar a rotina	3
<b>Não</b>	
Ajuda no entendimento, mas não ajuda na discussão	1
<b>Às vezes</b>	
Quando há tempo suficiente para discussão	1
O professor permitir o aluno falar abertamente	1
<b>Depende</b>	

Da didática do professor	1
Quando em excesso, dificulta.	1

Fonte: dados da pesquisa

A análise desta questão confirmou os temas apresentados na questão anterior, percebemos que o quesito ‘debate’ foi constantemente associado à interação, discussão, trocar experiências, compartilhar ideias, acrescentar informações. As pessoas que justificaram suas respostas com ‘percepção de detalhes’ também colocaram que as imagens mostravam situações reais, linguagem fácil e acessível, entender o contexto, contextualizar o acontecimento no tempo e no momento histórico em que eles ocorreram. Já os respondentes que mencionaram ‘compreensão do conteúdo’ não mencionaram interação ou debate, mas afirmaram que os documentários complementam ou se relacionam com os textos. Quanto ao tema ‘melhorar a explicação do conteúdo’ agrupa as informações que fazem referência aos documentários facilitar a compreensão da explicação e dos apontamentos feitos pelo professor, assim como utilizar experiências reais como exemplos para a compreensão dos textos. ‘Quebrar a rotina’, os respondentes que se encaixam neste agrupamento falaram que os documentários fazem as aulas serem mais dinâmicas, menos cansativas e enfadonhas.

Uma pessoa respondeu que os documentários não ajudavam na interação em sala, duas pessoas falaram que a interação dependia de haver tempo destinado para esta atividade. Neste caso entra em ação o papel do professor para planejar as aulas e definir a melhor forma de trabalhar com este método. Também foi mencionada a questão dos alunos poder falar e se expressar livremente. As outras duas respostas também giraram em torno da didática empregada pelo professor como mediador e facilitador na apreensão do conhecimento, quanto à escolha dos vídeos e a quantidade de uso desse recurso em sala.

Os filmes estão inscritos na memória social (SILVA, 2010). No entanto, temos percepções individuais a cerca do que nos é transmitidos, que podem ser assimiladas e relacionados com nossas experiências pessoais que são únicas e exclusivas de cada indivíduo, sendo, portanto, o ato de socializar, compartilhar ideias e experiências, um processo de participação ativa e produto da interação humana (DUARTE, 2002).

### QUESTÃO 3

Aqui perguntamos aos alunos se ao assistir a um documentário que apresenta um fato histórico que ocorreu em um passado distante ou que explora temas relacionados à

ciência e tecnologia, fica mais fácil à compreensão do texto/teoria trabalhada em sala. Pedimos também para eles justificarem suas respostas.

Estruturamos no quadro 6 as respostas e a quantidade de vezes que elas foram utilizadas.

Quadro 6 - Respostas sobre a compreensão de textos/teorias

<b>RESPOSTA</b>	<b>QUANT.</b>	<b>TEMAS</b>	<b>QUANT</b>
Sim	51	Entender o contexto histórico	8
		Comparar com passado e a atualidade	4
		Linguagem mais fácil e prática	5
		Entender a cultura de determinado lugar ou período	5
		É possível associar com a teoria, que a torna mais clara	4
		Melhorar a percepção dos fatos	11
		Complementam as informações do texto	8
		Compreender o assunto	19
Não	2	Prefere o texto	1
		A qualidade da imagem prejudica o entendimento	1
Depende	1	Lança muita informação de uma vez	1
		Usam termos técnicos e de difícil compreensão	1

Fonte: dados da Pesquisa

As respostas desta questão apresentam mais variações. A maioria das respostas relaciona a imagem à compreensão dos textos, entendimento da evolução histórica, apresentação de informações adicionais, entendimento de determinada época ou cultura, apresentar linguagem acessível e cotidiana, estabelecer comparação entre passado e presente, permitir fazer associação com a teoria.

Apenas duas pessoas relataram que os documentários não melhoram o entendimento da teoria, acreditando ser o texto mais objetivo e que a qualidade da imagem não favorece o entendimento. Uma pessoa relatou que os documentários apresentam um volume de informação intenso, usam termos técnicos e difíceis de compreender.

Os filmes utilizam três aspectos que o professor pode trabalhar em sala: conteúdo, linguagem e técnicas (NAPOLITANO, 2010), cada uma delas podem ser trabalhadas

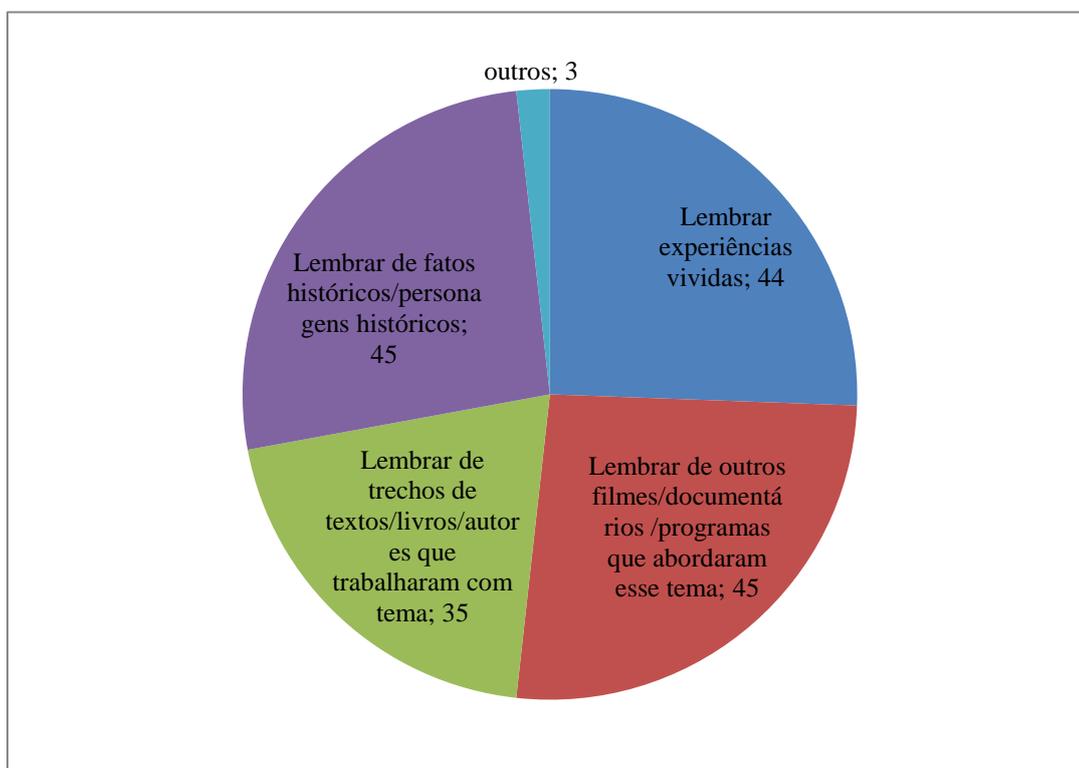
individualmente ou conjuntamente ficando a critério do professor a metodologia que será empregada para utilização dessa ferramenta.

Sendo os filmes uma forma de representar para o homem o mundo que o rodeia (BENJAMIN, 1975) e de difundir o conhecimento (SILVA, 2010), os filmes que retratam a evolução histórica, o surgimento e o desenvolvimento da tecnologia servem como suporte para novas formas de enxergar a realidade e ter uma nova percepção através de novas formas e linguagens (JORENTE, 2012).

#### QUESTÃO 4

Pedimos nesta questão para que os alunos marcassem entre os itens pré-determinados quais atividades eles identificam no momento em que estão assistindo a um documentário. Ilustramos as respostas no gráfico 3, abaixo:

Gráfico 3 - Atividade identificadas durante a assistência dos filmes



Fonte: dados da Pesquisa

Além das atividades pré-determinadas, os respondentes que marcaram a opção ‘outro’ acrescentaram que é possível relacionar os documentários há vários conteúdos. A associação de cenas dos filmes às atividades descritas acima são possíveis porque ao usar gestos, vestimentas, vocabulários que conhecemos, os filmes criam um conjunto de códigos

cujo significado nos são familiares e, por isso, são facilmente aceitos, criando um estreitamento entre o que é transmitido e o espectador, e este com outras experiências ou lembranças que possua (TURNER, 1988). É a percepção, ver as imagens e identificar com imagens anteriores; a utilização da imaginação para ligar as imagens entre si e aos assuntos a que se associam, e imaginar os elementos, as pessoas e os fatos que os constituem (ALMEIDA, 2000)

## QUESTÕES 5 E 6

Questionamos na quinta questão quais são as vantagens que os alunos elencam para o uso dos documentários como ferramenta de ensino e na sexta questão, as desvantagens. As respostas que obtivemos para as perguntas estão demonstradas no quadro 7, abaixo:

Quadro 7 - Vantagens e desvantagens para o uso de documentários em sala

<b>VANTAGENS</b>	<b>QUANT</b>	<b>DESVANTAGENS</b>	<b>QUANT</b>
Linguagem mais fácil	3	Não tem desvantagens ou não foi mencionado	13
Facilitar a compreensão do conteúdo	23	Dificuldade de encontrar para assistir posteriormente	3
Proporcionar debate em sala	9	Cansativo	11
Varia na forma de abordar o assunto	7	Má escolha do material	6
Aula mais dinâmica	7	Excesso no uso dos documentários	7
Percepção de detalhes	2	Falta de atenção dos alunos	3
Associar com outros programas	6	Tempo de exibição	6
		Falta de didática do professor	3

Fonte: dados da Pesquisa

Percebemos que apesar de apresentar muitas vantagens, o professor precisa tomar cuidado com alguns aspectos, tais como, atentar para a relevância do filme na disciplina, avaliar se o conteúdo do filme se relaciona com o conteúdo da disciplina, dividir o tempo da aula com filmes e debates para reduzir o tempo de exibição dos filmes e verificar a qualidade do material que pode interferir na receptividade.

No entanto, uma possibilidade que devemos levar em consideração diz respeito ao uso de celulares e acesso às redes sociais pelos alunos durante as aulas, podendo este

fenômeno está associado em alguma medida a déficits<sup>11</sup> de concentração. O que pode refletir nas respostas dos alunos que mencionaram que os documentários são cansativos e também as respostas que relataram falta de atenção por parte dos alunos. Essas respostas também podem ser reflexo da quantidade de informação que a cada dia precisa ser absorvida e da velocidade com que deve ser feita.

## **5.2 Cotejo entre informações apresentados por professores e alunos**

Após analisar e interpretar os dados no pré-teste, dividimos as respostas em categorias para englobar as respostas similares dos alunos e individualizá-las das demais. Segundo Bardin (1977), as categorias servem para introduzir uma ordem no interior da estrutura.

Dessa forma estabelecemos seis categorias que foram utilizadas como parâmetro para a segunda fase da pesquisa que consiste em uma entrevista com os três professores das disciplinas selecionadas e a aplicação de um segundo questionário aos alunos das respectivas disciplinas, com perguntas abertas. Desta forma, pudemos comparar a percepção de professores e alunos acerca do uso dos documentários em sala.

As categorias criadas foram: Uso dos documentários para apreensão do conhecimento pelo aluno de forma individual; Uso dos documentários para apreensão do conhecimento pelo aluno de forma coletiva; O papel do professor como mediador da informação e facilitador no processo de apreensão do conhecimento; Qualidade e adequação dos documentários às disciplinas; O papel do aluno para o sucesso do método; Avaliação pessoal acerca do método.

Apresentamos no quadro 8, abaixo, as informações obtidas na entrevista realizada com os professores e nos questionários. Separamos as respostas por categorias e utilizamos frases temáticas elaboradas a partir das respostas. Como não houve muita variação no uso de palavras com mesmo significado nas respostas dos professores não recorremos ao agrupamento e contagem dos termos, palavras e expressões.

---

<sup>11</sup> Estes fenômenos têm sido investigados e relatados em várias matérias como a publicada pela Gazeta do povo em 23/05/2014 que aborda o desafio dos professores que precisam disputar a atenção dos alunos com as redes sociais e o uso de celulares. Disponível em:< <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/professores-disputam-atencao-de-alunos-com-redes-sociais-8i7ugq1uxkjhagjbhy7hgl5ji>>. Acesso em: 03/12/2017.

O quadro abaixo foi estruturado da esquerda para a direita, onde na primeira coluna colocamos as seis categorias; na segunda coluna, fizemos a indicação do professor por ordem de semestre, dessa forma P1 representa o professor da disciplina de Tecnologia da informação e comunicação; P2 foi utilizado para o professor de Cultura e Mídia; e P3 para o professor de Informação e Sociedade. Na terceira coluna, colocamos as informações retiradas das entrevistas e na quarta coluna, estão às informações extraídas dos questionários dos alunos com a quantidade de vezes que o termo foi utilizado.

Quadro 8 - Cotejo entre as respostas de professores e alunos – continua.

<b>Categorias (C)</b>	<b>Ordem de professores</b>	<b>Respostas dos professores</b>	<b>Resposta dos alunos</b>
C1 - Uso dos documentários para apreensão do conhecimento pelo aluno de forma individual	P1*	- Propiciar a leitura individual do filme, permitindo a percepção de detalhes associados às realidades de cada um. -Vislumbrar os assuntos trabalhados nas aulas. -Associar os vídeos às experiências pessoais e conhecimentos adquiridos;	- Entender conteúdo dos textos (11) - Relacionar com experiências e vivências (3) - Compreender contextos históricos (2) - Estimular a curiosidade (1) - Aumentar o senso crítico (1)
	P2**	-Fazer a ponte com a teoria; -Correlacionar os vídeos às experiências pessoais;	- Despertar a curiosidade (1); - Associar a Vivências (2); - Aplicar o conteúdo visto em sala (1); - Ser dinâmico (3); - Apresentar outras perspectivas da realidade (1); - Associar vídeos, práticas e teorias (1); - Ser lúdico (1); - Absorção do conteúdo (2); - Usar nova abordagem para o assunto (2);
	P3***	- Estabelecer relações entre fatos, acontecimentos e conteúdos para além do espaço da sala de aula;	- Compreender o conteúdo (9); - Usar linguagem acessível (2); - sair da rotina (1); - Trazer novas perspectivas sobre

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fazer associações com outras realidades, podendo recorrer, inclusive, às suas próprias experiências pessoais (dos alunos).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o assunto (5);</li> <li>- Relacionar com textos e experiências (4);</li> <li>- Servir como exemplo (1);</li> </ul>
C2 - Uso dos documentários para apreensão do conhecimento pelo aluno de forma coletiva	P1	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estimular o debate;</li> <li>- Trocar experiências e das percepções de elementos do filme;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realizar debates em sala (11);</li> <li>- Trocar experiências e percepções (8);</li> <li>- Entender conceito e teorias (2);</li> </ul>
	P2	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estimular a discussão;</li> <li>- Propiciar a percepção de vários aspectos apresentado no filme, e relacioná-los com o texto;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Debate em sala (12);</li> <li>- A turma não tem interesse e não interage (1);</li> <li>- os alunos não leem o texto e não fazem associações (1);</li> </ul>
	P3	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estabelecer relações com o conteúdo ministrado na disciplina;</li> <li>- Propiciar a realização de debates envolvendo a turma;</li> <li>- Ser utilizado como pano de fundo para sociabilidades e interações dos alunos em sala de aula;</li> <li>- Permitir a aproximação entre alunos e professor;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realizar debates em sala (18);</li> <li>- Sintetizar o assunto (1);</li> <li>- Prender a atenção da turma (2);</li> </ul>
C3 – O papel do professor como mediador da informação e facilitador no processo de apreensão do conhecimento	P1	<ul style="list-style-type: none"> <li>- fazer com que os alunos conquistem as categorias<sup>12</sup> cognitivas e as afetivas da Taxionomia dos objetivos educacionais.</li> <li>- Haver uma aplicação do conhecimento do texto na realidade;</li> <li>- Apresentar a realidade em diferentes perspectivas;</li> <li>- Fazer relação entre cenas dos filmes e partes do texto;</li> <li>- Inserir outros conceitos e outras possibilidades de entendimento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Orientar os alunos sobre o conteúdo dos documentários (6);</li> <li>- Facilitar a relação entre o conteúdo dos documentários e dos textos;</li> <li>- Possibilitar a construção do conhecimento pelo aluno (1);</li> <li>- Escolher o vídeo e o texto adequados à disciplina (5);</li> <li>- Apresentar as perspectivas do assunto (1)</li> </ul>

<sup>12</sup> O entrevistado faz referência a Taxionomia dos objetivos educacionais, também conhecida como Taxionomia de Bloom, que é uma forma de estruturação da organização hierárquica dos objetivos educacionais.

nto	P2	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Incentivar a discussão por meio de perguntas;</li> <li>- Observar as reações simbólicas e de expressões dos alunos enquanto assistem aos filmes;</li> <li>- Fazer com que os alunos consigam aplicar a teoria às realidades;</li> <li>- Estabelecer a melhor forma de uso para os documentários a cada semestre;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mediar o debate (2);</li> <li>- Levantar questões (2);</li> <li>- Sair da rotina (1);</li> <li>- Escolher a metodologia (2);</li> <li>- Estimular a visão crítica dos alunos (2);</li> <li>- Se aproximar dos alunos (1);</li> <li>- Explicar texto e documentário (1);</li> <li>- Avaliar os alunos (1);</li> </ul>
	P3	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Favorecer a apreensão do conteúdo da disciplina;</li> <li>- Possibilitar ao aluno visualizar determinados conceitos sendo aplicados;</li> <li>- Apresentar um panorama geral acerca de certo paradigma ou corrente teórica.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mediar à discussão (7);</li> <li>- Ajudar a relacionar textos e documentários (3);</li> <li>- Escolher o melhor método para trabalhar com a turma (4);</li> <li>- Avaliar o aluno (1);</li> <li>- Escolher material adequado à disciplina (1);</li> <li>- Ajudar na reflexão sobre o tema, apresentando várias perspectivas (2);</li> </ul>
C4- Qualidade e adequação dos documentá rios às disciplinas	P1	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar algo comum entre os textos e o conteúdo do filme;</li> <li>- A quantidade de filmes depende da quantidade de experiências que o aluno tenha para compreender um texto; o que verificado através da interação e reação dos alunos a determinado assunto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os documentários se relacionam com o assunto da disciplina (5);</li> <li>- Despertar a curiosidade (1);</li> <li>- Material com pouca qualidade visual (imagem, legenda, áudio,...) (5)</li> <li>- Difícil acesso (2)</li> </ul>
	P2	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar o contexto da edição, a proposta editorial do vídeo;</li> <li>- Utilizar filmes que se relacionem ao conteúdo da disciplina</li> <li>- perguntar aos alunos o que eles viram na contemporaneidade em questão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Se relacionam com a disciplina (5);</li> <li>- Não tem boa legenda (2);</li> </ul>

		de vídeos que se assemelham as teorias estudadas - Não ultrapassar a dois filmes por semestre	
	P3	-Se relacionar ao assunto da disciplina - Fácil disponibilidade; - Ter boa qualidade de som e imagem; - Ser atual, embora utilize filmes clássicos, quando julga necessário; - Não há uma mensuração objetiva, matemática (sobre a quantidade); - Quantidade varia conforme o contexto, o tema, a turma e a disciplina, de modo geral;	- Se adequar ao assunto da disciplina (12); - Ter boa qualidade (1); - Ser atual (1); - Ser muito longo (1);
C5 – O papel do aluno para o sucesso do método	P1	- É explicado metodologicamente - Existir um manual de como o aluno deve se conduzir na disciplina, com todos os objetivos, com a descrição de todas as atividades, inclusive com as razões porque essas atividades são empreendidas.	- Prestar atenção (7); - Relacionar documentários, textos e debates (7); - Fazer anotações (2); - Relacionar os documentários às experiências pessoais; - Entender a forma como os documentários foram criados (1);
	P2	- Apresentar explicação previa sobre o uso dos documentários e o que se espera dos alunos; - Permitir que os alunos possam sugerir vídeos que se encaixa na disciplina e no assunto trabalhado;	- Prestar atenção (1); - Relacionar vídeos, textos e experiências pessoais (3); - Participar dos debates (4);
	P3	-Explicitação dos motivos para a escolha do filme; - Os alunos são previamente consultados; - Perceber o interesse do aluno em assistir um vídeo em particular;	- Prestar atenção (3); - Relacionar documentários, textos, debates e experiências pessoais (5); - Assistir e analisar o filme criticamente (2); - Participar dos debates (2); - Captar os aspectos apresentados no filme (1);

			- Estar aberto a novas formas de aprendizagem (2);
C6 – avaliação pessoal acerca do método.	P1	<b>Vantagens</b>	<b>Vantagens</b>
		-Clarear as ideias dos alunos; - Dar razoamento para as pessoas numa forma até mais rápida, mas sem perder a qualidade da explicação e do debate.	- Facilitar o aprendizado (2); - Aprendizado mais independente (1); - Dinâmico (3); - Prender a atenção (1); - Apresentar várias perspectivas sobre o assunto (1);
		<b>Desvantagens</b>	<b>Desvantagens</b>
		- Não identificado no discurso do entrevistado	- monótono (1); - Cansativo (2); - Filmes longos (2); - Linguagem difícil (1);
	P2	<b>Vantagens</b>	<b>Vantagens</b>
		P1 – Não ficar restrito a sala de aula - Relacionar os assuntos da disciplina a outras disciplinas e a outros vídeos. - Possibilidade de aplicação no dia-a-dia;	- Sair da rotina (1); - Entreter (1); - Diversificação (1); - Dinamismo (2); - Complementar o conteúdo visto em sala (4);
		<b>Desvantagens</b>	<b>Desvantagens</b>
		- As pessoas tímidas, geralmente, não participam; - Os alunos não associam os textos aos filmes nos trabalhos - Dificuldade de realizar a escolha dos vídeos	- Cansativo (2); - Monótono (1); - Os alunos não participam dos debates (2);
	P3	<b>Vantagens</b>	<b>Vantagens</b>
		- Quebrar a monotonia; - Ser valioso na formação profissional e pessoal do aluno, bem como a sua cultura geral;	- Contribuir para assimilação do conteúdo (6); - Sair da rotina (4); - Exemplificar (2); - Estimular a criatividade (1); - Estimular a leitura dos textos (2); - Tornar a aula mais interessante (1)
	<b>Desvantagens</b>	<b>Desvantagens</b>	

		- Não contar com equipamentos e espaços apropriados para essa atividade; -Precisar levar equipamentos de sua residência	- Ser cansativo (1); - Fugir do tema abordado (1); - A forma como o documentário é trabalhado (1); - Não acertar na escolha do vídeo (2); - Ser muito longo (1).

Fonte: dados da pesquisa

\* Professor de Tecnologia da Informação e Comunicação (segundo semestre)

\*\* Professor de Cultura e Mídia (terceiro semestre)

\*\*\* Professor de Informação e Sociedade (quinto semestre)

Uma vez organizada as informações por categorias é possível verificar a metodologia que os professores empregam nas disciplinas e a forma como os alunos avaliam seu uso. Passaremos agora a análise das respostas.

### **PRIMEIRA CATEGORIA - Uso dos documentários para apreensão do conhecimento pelo aluno de forma individual**

Na primeira categoria, perguntamos aos professores como eles entendem que os documentários contribuem para apreensão do conhecimento pelos alunos individualmente. Os três mencionaram que os documentários podem ser associados às experiências individuais dos alunos, sendo uma forma de associar os conhecimentos aprendidos em sala a uma experiência concreta, se transformando em uma forma empírica de aplicação da teoria.

*P1: Para que haja uma aplicação desse conhecimento na realidade a gente usa o filme.*

*P2: Na hora que eu mostro o vídeo eu faço a ponte com a teoria e pergunto: Como é que você vê isso? No seu mundo real como você faria isso?*

*P3: Os filmes permitem ao aluno fazer associações com outras realidades, podendo recorrer, inclusive, às suas próprias experiências pessoais.*

Não houve divergências entre as opiniões dos professores, dessa forma, observamos que os professores utilizam os documentários como uma ponte entre as vivências dos alunos e o conteúdo ministrado. Sobre isso, cabe uma reflexão sobre os objetivos da educação mencionados por Edgar Morin (2003) que, tomando as palavras de Durkheim (1890), explica que o objetivo da educação não é transmitir uma grande quantidade de

conhecimento, mas oferecer ao aluno um estado de consciência que o oriente durante a vida. Esse “ensinar a viver” precisa não somente de conhecimentos, mas também da transformação em nível de consciência, que permita transformar o conhecimento adquirido em sabedoria e a incorporação desta para toda a vida. Então educação não se trata, pura e simplesmente, de quantidade, mas de qualidade. De saber pegar as informações e transformá-las em conhecimento e esta, em sabedoria.

Quanto aos alunos, na disciplina de Teoria da Informação e comunicação (TIC), eles, além de mencionar que os documentários ajudam a entender o conteúdo dos textos, mencionaram também que conseguem relacionar os vídeos às experiências e vivências pessoais, que conseguem entender o contexto histórico, que se sentem mais curiosos sobre o assunto e que passam a desenvolver um senso crítico em relação ao que é apresentado.

Na disciplina Cultura e Mídia (CM), as respostas foram bem diversificadas. Os alunos mencionaram que os filmes servem como aplicação para a teoria vista nos textos, apresentam novas perspectivas para o assunto, possibilitam associar textos, documentários e vivências; despertam a curiosidade, são lúdicos, ajudam na absorção do conteúdo, além de usar uma nova forma de abordar o assunto.

Quanto à disciplina Informação e Sociedade (IS), os alunos responderam que os documentários ajudam a compreender o conteúdo dos textos, sendo possível relacionar vídeos, textos e vivências. Disseram também que os filmes ajudam a enxergar os assuntos sob novas perspectivas, trazem exemplos para as teorias apresentadas nos textos, abordam o assunto com uma linguagem mais acessível e quebram a rotina das aulas.

Percebemos nesta categoria, de um modo geral, que alunos e professores estão alinhados. Não apresentam divergências em suas opiniões. Embora os alunos tenham apontado várias aplicações para o uso dos documentários, as que mais se sobressaem são as relacionadas com a compreensão do conteúdo e com relacionar textos, documentários e experiências pessoais.

Utilizar as experiências dos alunos para servir como aplicação para as teorias trabalhadas nas disciplinas teórico-conceituais, como é caso das disciplinas em questão, é importante, uma vez que a prática ajuda a reter o conhecimento e proporciona a compreensão de que os assuntos trabalhados nas disciplinas estão diretamente relacionados com nosso cotidiano se transformado em algo empírico, palpável, possível de ser observado e analisado.

Morin (2003) afirma que os livros são experiências de verdade, e essa revelação nos encanta duplamente, pois nos reconhecemos numa verdade alheia a nossa. Podemos estender isso aos filmes, uma vez que ao assistimos aos vídeos nos identificamos com situações, acontecimentos, personagens que se assemelham a alguma experiência que temos sendo, inclusive, meios para aquisição de novas experiências.

### **SEGUNDA CATEGORIA - Uso dos documentários para apreensão do conhecimento pelo o aluno de forma coletiva**

Nesta categoria, questionamos aos professores como eles percebem que os documentários contribuem para apreensão do conhecimento pelos alunos de forma coletiva. Todos responderam que os filmes estimulam o debate/discussão envolvendo a turma em um compartilhamento de experiências e de percepções de elementos dos filmes.

*P1: Quanto ao coletivo, como algo comum a todos, seria costurado exatamente na hora de um debate.*

*P2: Os alunos começam a levantar a mão, as pessoas começam a discutir, um percebe uma coisa e outra pessoa complementa.*

*P3: propiciam a realização de debates envolvendo a turma.*

Além disso, os professores atrelam o uso dos documentários à percepção de vários aspectos dos filmes e a possibilidade de relacioná-los ao conteúdo dos textos e da disciplina de um modo geral. O professor da disciplina de Informação e Sociedade também menciona que os documentários servem como pano de fundo para a sociabilidade e interação dos alunos em sala de aula, e para a aproximação entre alunos e professor, melhorando a interação entre eles.

Realizar debates em sala foi também a resposta mais citada pelos alunos das três disciplinas, que associaram também essa atividade ao compartilhamento de experiências em grupo e com a exposição de diferentes perspectivas observadas nos filmes. Discentes da disciplina Cultura e Mídia alegaram que um dos problemas que eles observam diz respeito aos alunos que não leem os textos ou que não se interessam pela metodologia adotada pelo professor e, por isso, não interagem durante as discussões em sala, não fazendo associações entre textos e documentários. Eles identificam esse tipo de atitude em alunos que estão acostumados com as aulas em formato tradicional e que não estão abertos às novas

possibilidades de aprendizado. Já os alunos de Informação e Sociedade opinam que os documentários prendem a atenção da turma, além de sintetizar o assunto da disciplina.

Sobre o uso dos documentários como forma de propiciar o debate em sala, Duarte (2002) explica que os filmes trazem uma grande quantidade de conhecimento e informações que não se encerram neles mesmo, sendo uma porta para novas descobertas. A autora ainda defende que a pluralidade e diversidade cultural dos espectadores tornam a experiência de partilha mais interessante, isso porque o papel cultural de cada indivíduo determina de que forma o documentário é interpretado, sendo que se sobressairá àqueles aspectos mais familiares ao indivíduo, o que pode ser aproveitado pelos professores para que eles possam, nas palavras da autora, ensinar a ver, e assim perceber esses aspectos em outras perspectivas.

Morin (2003, p. 51) diz que é através dos livros e da tela (cinema) que aprendemos “as maiores lições da vida: a compaixão pelo sofrimento de todos os humilhados e a verdadeira compreensão.” Isto porque quando lemos um livro ou assistimos a filmes nos identificamos com os personagens e sentimos empatia. Segundo Silva (2010), o cinema propicia novas formas de ver e entender o mundo, fazendo parte da vivência das pessoas e da memória social, proporcionando às coletividades um lugar comum para a reflexão dos significados sociais. Dessa forma, os debates realizados em sala constituem um ambiente de troca de experiências, onde diferentes percepções podem ser apresentadas e discutidas, ampliando o campo de visão dos alunos acerca dos conteúdos dos textos e assuntos da disciplina e também a respeito do outro.

### **TERCEIRA CATEGORIA – O papel do professor como mediador da informação e facilitador no processo de apreensão do conhecimento**

Aqui, perguntamos aos professores o motivo pelo qual eles elegeram essa metodologia, adotando os documentários como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. Nessa categoria, as respostas apresentaram algumas variações, isto se deve à forma como cada professor elege a maneira que o documentário é utilizado e como eles são mais bem aproveitados pelos alunos.

O professor da disciplina Teoria da Informação e Comunicação explicou que adotou essa metodologia para propiciar aos alunos a conquista das categorias, tanto do

domínio cognitivo quanto afetivo, da Taxionomia dos Objetivos Educacionais<sup>13</sup>, estabelecidos por Benjamin S. Bloom, também conhecida como Taxionomia de Bloom.

Por sua vez, o docente da disciplina Cultura e Mídia apontou que os filmes permitem incentivar a discussão por meio de perguntas que remetam os alunos a situações pessoais, possibilitando fazer de modo mais fácil e eficaz a ponte entre a teoria e às múltiplas realidades a que cada um está submetido. Além disto, o professor menciona a possibilidade de receber o *feedback* de como os alunos percebem os vídeos, no momento em que eles estão assistindo através das reações que eles expressam.

*P2: eu fico observando, enquanto os alunos assistem quais são as reações simbólicas e as reações de expressão, que os alunos fazem durante a assistência e aquilo me dá uma feedback..*

Durante a entrevista, ele revelou que quando um docente utiliza um documentário, o mais importante é que saiba lançar mão desta ferramenta.

*P2: “O professor tem que ter um conhecimento em metodologia, o professor precisa ter um conhecimento de aplicabilidade teórico-conceitual dos fenômenos estudados para poder se utilizar de vídeo ou qualquer outro recurso”.*

Ele deixa claro que o docente precisa ter consciência de seu papel para que o recurso seja bem utilizado. Sobre isso Moran (1995), diz que o uso do vídeo não muda a relação pedagógica, mesmo que ajude ao professor e atraia aos alunos. O autor explica que os vídeos criam expectativas no aluno e que o professor precisa tirar proveito disto para instigá-los, tendo o cuidado de ligar o vídeo às demais dinâmicas da aula. Os filmes trazem certa liberdade e o professor pode dispor de inúmeras formas para trabalhar o recurso em sala, adaptando-os a sua metodologia, a turma, a disciplina, etc.

---

<sup>13</sup> Esse método leva em consideração as seguintes fases cognitivas: conhecimento, aplicação, análise, síntese e avaliação. A aquisição destas categorias segue uma sequência, sendo realizada de forma cumulativa. Isto significa que a fase de aplicação somente será adquirida após aquisição da fase conhecimento e assim por diante. Sugerimos, para mais informação, a leitura do livro de Benjamin S. Bloom, *Taxonomy of Educational Objectives: The Classification of Educational Goals* e do artigo *A coerência entre uma metodologia de ensino-aprendizagem inovadora e sua metodologia avaliativa: o caso da disciplina tecnologias da informação* dos autores Antonio Wagner Chacon Silva e Jefferson Veras Nunes.

Já o professor de Informação e Sociedade admite que considera o uso de filmes e documentários como um recurso didático-pedagógico interessante, pois os alunos podem visualizar os conceitos sendo aplicados, favorecendo a apreensão da disciplina.

Sob a ótica dos alunos da disciplina de Tecnologia da Informação e Comunicação, cabe ao professor orientar aos discentes sobre o conteúdo dos documentários, explicando trechos que não ficaram claros ou que não conseguiram relacionar aos textos, possibilitando novas formas de interpretá-los. Os discentes também alegaram que o professor deve possibilitar a construção do conhecimento pelo aluno, apresentando ferramentas e possibilidades que os ajudem nesta tarefa.

A turma de Cultura e Mídia apresentou para essa categoria mais diversidade nas respostas. Segundo seus integrantes cabe ao docente mediar o debate em sala, levantando questões que permitam desenvolver a visão crítica. Alegaram também que o professor deve escolher a metodologia que melhor se adequa a turma, assim como textos e documentários e por último avaliar o aprendizado dos alunos, corrigindo-os e direcionando-os.

No que toca aos educandos da turma de Informação e Sociedade o papel do orientador são as mesmas indicadas pela turma anterior.

Nesta categoria também não encontramos divergências entre professores e alunos. Ambos acreditam que o professor deve mediar à informação, direcionando os alunos ou indicando formas de interpretações para os textos e filmes trabalhados durante as aulas. Como mencionaram os alunos, cabe ao professor estabelecer a metodologia que será trabalhada durante o semestre, podendo até levantar com os alunos sugestões de atividades para serem desenvolvidas, pois devemos ter em mente que cada turma é diferente uma da outra, neste caso, métodos que funcionam em uma turma talvez não sejam tão eficazes em outra, cabendo aqui uma análise.

#### **QUARTA CATEGORIA- Qualidade e adequação dos documentários às disciplinas**

Dividimos esta categoria em duas perguntas. Indagamos aos professores quais são os critérios adotados para a escolha dos documentários e como é mensurada a quantidade de filmes que é utilizado durante o semestre.

Para a primeira pergunta, todos os professores falaram que os vídeos precisam se relacionar ao conteúdo da disciplina. Na opinião do professor de Tecnologia da Informação e

Comunicação, a quantidade de filmes em cada semestre depende da quantidade de experiências que o aluno tem para entender determinado texto. Com textos mais densos, que trabalham maior quantidade de assuntos, geralmente são utilizados mais filmes.

*PI: A quantidade de filmes vai depender da quantidade de experiências que o aluno tenha para compreender um texto ou da falta dela que é possível de o professor avaliar a partir das perguntas que são feitas, das respostas ou da ausência delas.*

Segundo este docente, o cinema tem a capacidade de antecipar ou projetar a realidade, “*É a proposição de uma possibilidade de acontecimento*”, e por isso os documentários se constituem em uma forma de exemplificação, onde cada um pode perceber alguma coisa no momento em que estão assistindo, e no debate cada um terá subsídios para participar da discussão, podendo apresentar seu ponto de vista. E isto enriquece, pois cada aluno poderá partilhar sua visão sobre determinado aspecto do filme que o outro não percebeu. E a partir da percepção dos alunos, o professor pode acrescentar mais informações e novas percepções acerca do filme e do texto e do assunto da disciplina como um todo. O filme, neste caso, funciona como uma experiência em comum para todos, incluindo o docente.

No que toca a escolha dos filmes, o docente da disciplina Cultura e Mídia afirmou que verifica a proposta editorial e identifica o contexto da edição. Afirmou também que pede indicações de filmes para os alunos e, após determinar sua relevância para o que está sendo trabalhado em sala, passa para a turma. Quanto à quantidade, ele prefere utilizar apenas um ou dois filmes por semestre, no máximo, embora admita ser possível trabalhar com mais filmes.

Para o orientador da disciplina Informação e Sociedade, além de levar em consideração a relação com os textos, também considera a fácil disponibilidade. Ele também verifica se o vídeo apresenta boa qualidade de som e imagem e se é atual, embora afirme utilizar filmes ‘clássicos’ quando considera necessário. Já em relação à quantidade, o docente não aponta uma quantidade fixa, por isso o número de filmes é definido de acordo com a necessidade da turma ou da disciplina.

Agora no toca aos alunos, na disciplina Teoria da Informação e Comunicação, eles relataram que os documentários se relacionam com o assunto da disciplina e despertam a curiosidade. No entanto, observam que muitas vezes o material não tem boa qualidade, apresentando duas legendas na tela que torna difícil acompanhar o filme ou que as legendas não estão sincronizadas com as imagens o que dificulta o entendimento. Além disso, alegam

que os filmes são longos e não estão disponíveis para acesso, por isso, sugerem que o docente utilize filmes mais atuais, que estejam disponíveis para acesso e, no caso de utilizar filmes longos, pausar as cenas para discutir ou dividi-los em duas aulas. Essas foram também as respostas dos alunos da disciplina Cultura e Mídia, inclusive relataram os mesmos problemas.

Já na disciplina Informação e Sociedade, os discentes falaram que os filmes são adequados à disciplina, são atuais e tem boa qualidade. Houve apenas uma crítica quanto ao tempo de duração dos filmes que, às vezes é longo.

Nesta categoria, notamos que alunos e professores tem muitos pontos em comum e apresentam muitos pontos positivos. No entanto, também há a necessidade de alguns ajustes no que toca a escolha do material a ser utilizado, tendo atenção especial para a qualidade dos filmes.

No entanto, precisamos levar em consideração que muitas vezes os professores não dispõem de equipamentos e ambientes adequados para a exibição dos vídeos, como bem disse o professor de Informação e Sociedade durante a entrevista. Sendo que em muitos casos os professores levam os equipamentos de casa para que possam trabalhar com filmes.

No capítulo V, Cinema na escola, do livro Cinema e Educação, Duarte (2002) já menciona a carência de algumas universidades que não possuem locais e equipamentos adequados para a exibição regular de filmes e, embora a situação não seja a mais favorável, a autora apresenta várias formas de uso para os documentários, podendo o professor trabalhá-los sob diversas perspectivas. A autora indica que, para que a ferramenta seja bem aproveitada, o professor deve assistir a película previamente, verificando as informações que são apresentadas e se possível estabelecer relações entre temas que aparecem neste em outros filmes do mesmo gênero, e a partir disto, elaborar um roteiro para ser trabalhado durante as discussões com tópicos que ele deseje colocar em evidência. Ainda sugere, para trabalhar textos complexos, cruzar textos fílmicos com textos acadêmicos.

#### **QUINTA CATEGORIA: O papel do aluno para o sucesso do método**

Nesta categoria, perguntamos aos professores se é explicada previamente a maneira como os documentários serão utilizados em sala, deixando o aluno ciente de seu papel para que o método funcione de forma eficaz. Todos responderam que sim, que é explicado previamente como será usado os documentários em sala.

O professor de Tecnologia da Informação e Comunicação disse que utiliza nesta disciplina a mesma metodologia empregada na disciplina do primeiro semestre. E enfatiza que o método não é somente explicado, como também existe um manual com a finalidade de explicar os usos dos documentários, as formas de avaliação que serão realizadas ao longo do semestre e o papel do aluno nessa metodologia.

O mediador de Cultura e Mídia disse que já utilizou os documentários de diversas formas. Algumas vezes apresenta primeiro o documentário e depois o texto e vice-versa, e que nas duas formas os resultados são muito bons. No entanto, o docente observa a ocorrência de um fenômeno muito interessante. Segundo ele, as maiores e melhores surpresas ocorrem após o término da disciplina quando os alunos cometam com ele sobre a relação entre vídeos e textos vistos na disciplina Cultura e Mídia com os de outras disciplinas. Apontou, inclusive, que os alunos relacionam assuntos desta disciplina com as disciplinas dos semestres anteriores que também trabalham com documentários.

Em Informação e Sociedade, o professor afirma que, além de explicar o funcionamento da disciplina, também pede indicações de filmes aos alunos e os consulta sobre o interesse em assistir um ou outro filme. Ele defende que apesar do documentário ser um recurso didático-pedagógico, seu uso não deve ser somente utilitarista, pois o filme serve para pensar e isso requer liberdade tanto dos alunos quanto dos professores.

Perguntamos aos estudantes qual é o papel do aluno para que o uso dos documentários apresente resultados satisfatórios. Os alunos de Teoria da Informação e Comunicação responderam que cabe a eles prestar atenção nos filmes e relacioná-los com os textos e com as experiências pessoais, fazendo anotações. Indicaram também que se deve entender a forma como o documentário foi criado e o ponto de vista que ele apresenta sobre determinado assunto. Os alunos da disciplina Cultura e Mídia apresentaram as mesmas respostas com o acréscimo de que os alunos devem participar dos debates e expor suas opiniões, pois essa partilha é enriquecedora. Já os discentes de Informação e Sociedade, além das respostas já mencionadas, acrescentaram que cabe a eles assistir e analisar os filmes criticamente, tentar captar os aspectos apresentados nos filmes e estar aberto às novas formas de aprendizagem, não ficando preso à maneira tradicional.

Nesta categoria, percebemos que a educação é uma via de mão dupla, em que o compromisso com a aprendizagem e aquisição do conhecimento tanto diz respeito ao papel do professor como mediador, orientador, organizador dos conteúdos e informações (BENTES,

2008) quanto ao aluno, responsável por transformar informação em conhecimento que deve ser aplicado na vida prática e cotidiana, para isso os discentes devem ser capazes de contextualizar e englobar a informação (MORIN, 2003).

#### **SEXTA CATEGORIA – Avaliação pessoal acerca do método.**

Utilizamos esta categoria para identificar dentro das falas dos professores aspectos positivos e negativos para o uso dos documentários como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem.

O professor de Cultura e Mídia relatou que o uso de documentários associados a textos e ao debate não se limita ao contexto de sala de aula e que percebe os alunos debatendo sobre eles nos corredores, inclusive os alunos mais tímidos que não participam das discussões em sala tende a abordá-lo para comentar algo ou tirar alguma dúvida. Ele diz que isto ocorre com mais frequência quando os alunos já estão mais tranquilos, porque já terminou o semestre, já foram aprovados, ganharam seus créditos, o professor não é mais visto como um algoz, então os alunos dizem *“ah! Eu adorava as suas aulas, os seminários, as aulas de vídeo e tal”*. Ele diz que isso é muito bom.

Como desvantagem, percebemos que o professor enfatiza a dificuldade de encontrar os filmes.

P1: *“Não é muito fácil realizar as escolhas do vídeo. Porque não somente os suportes, mas as formas de distribuição dos vídeos são muito caóticas, porque quando procuramos os vídeos por termos, palavras ou expressões que identificamos no texto e procuramos na internet ou nas plataformas de distribuição dos vídeos não encontramos resultados satisfatórios”*.

Ele afirma que isso é reflexo do grande volume de dados e por os filmes não serem bem indexados de maneira a proporcionar sua recuperação de forma rápida e eficaz. Outro fator negativo que identificamos é quanto à utilização de documentários em trabalhos escritos. Segundo este professor, mesmo que seja explicada e enfatizada a função dos documentários em sala, se o professor não disser explicitamente, quando solicita um trabalho escrito, que o texto deve ser relacionado com os documentários, mais da metade da turma não o faz.

Ele enfatiza que os documentários não são meras ilustrações ou apenas um momento lúdico da aula, eles são ferramentas de aprendizagem e que relacionar o filme aos trabalhos escritos faz parte deste processo.

Não foram identificadas desvantagens na fala do professor de Tecnologia da Informação e Comunicação. Quanto às vantagens, o professor fala que, durante a assistência dos filmes, os alunos percebem coisas diferentes. Eles percebem a relatividade da realidade e isto é algo muito bom para a disciplina, porque eles percebem “*que a realidade, ela não é dada a priori, nem é algo fechado, consolidado e absoluto*”. Isso dá margem a várias discussões e vai sedimentando o conhecimento.

Já para o professor de Informação e Sociedade, as desvantagens dizem respeito à estrutura disponibilizada para a exibição dos filmes que, às vezes, compromete a qualidade de som e imagem e por não poder contar com equipamentos e espaços apropriados para essa atividade, inclusive revela que necessita levar equipamentos de casa, principalmente caixas de som, para exibir os filmes. Quanto às vantagens, ele diz que, além de servir como ferramenta para a aprendizagem, os filmes também servem para quebrar a monotonia, sair da rotina e ser pano de fundo para sociabilidades e interações dos alunos em sala de aula.

Sob o ponto de vista dos aprendizes da disciplina de Tecnologia da Informação e comunicação, o uso dos documentários tem como vantagem propiciar uma forma mais independente de aprender, facilitando o aprendizado. Uma parcela dos respondentes disse que os filmes deixam as aulas mais dinâmicas, prendem a atenção e apresentam várias perspectivas para os assuntos vistos em sala. Enquanto outros apontaram como desvantagens, a duração dos filmes que, geralmente são longos, o que torna as aulas cansativas e monótonas, além disto, alguns filmes têm uma linguagem difícil de entender.

Na opinião da turma de Cultura e Mídia, os documentários diversificam as aulas, entretendo e deixando-as dinâmicas, além de complementar o conteúdo visto em sala. Já como desvantagens, alguns respondentes alegaram que os filmes são cansativos e monótonos e que muitos alunos não participam dos debates.

As vantagens apontadas pelos alunos da turma Informação e Sociedade são mais amplas e diversificadas. Eles responderam que, além de contribuir para a assimilação do conteúdo, os filmes ajudam a quebrar a rotina, trazem exemplos práticos, estimulam a criatividade, estimulam a leitura dos textos e deixam as aulas mais interessantes.

Como desvantagem foi apontada o cansaço. Alguns alegaram que não gostam da forma como o documentário é trabalhado e a duração do filme que é longo. Outros falaram que o docente, às vezes, não acerta na escolha do vídeo, fugindo do tema ou não se relaciona tanto com os assuntos trabalhados.

A partir da análise e interpretação das entrevistas com os professores e das respostas apresentadas pelos alunos, compreendemos que os documentários são um recurso que pode trazer muitos benefícios no processo de ensino-aprendizagem, mas que para que seja eficiente e eficaz professores e alunos precisam estar cientes de seus papéis em sala de aula. É claro que toda metodologia apresenta vantagem e desvantagens, principalmente quando se trabalha com uma turma heterogênea.

## 6 CONCLUSÃO

Percebemos que o cinema se relaciona a muitos aspectos sociais e culturais e quando trabalhados de forma correta no âmbito educacional apresentam bons resultados. Através da análise, percebemos que são necessários alguns ajustes ou mudanças dependendo da turma ou do semestre, mas nada que interfira de forma substancial nos resultados que o método apresenta.

A partir das entrevistas com os professores e dos dados coletados nos questionários dos alunos, notamos que os filmes se constituem em uma boa maneira para estabelecer o debate, levando os alunos a apresentarem seus pontos de vistas e discutirem sobre eles. É um momento que permite compreender os textos, os assuntos da disciplina, mas também de entender ao outro. Perceber, sob a ótica do outro, como a realidade se apresenta possibilita a aproximação e melhor convivência.

Quanto aos pontos negativos que dizem respeito a estrutura para a exibição dos filmes, cabe à sociedade entender que a educação é peça chave para o desenvolvimento dos indivíduos que a compõe e cabe a sociedade reivindicar que instituições de ensino ofereçam condições para que a educação possa ser oferecida com qualidade.

A partir dos dados coletados, observamos que esta pesquisa abre possibilidades para novas investigações. A primeira delas diz respeito à indexação e recuperação de filmes. Como falou o professor de Cultura e Mídia, este é um campo ainda pouco explorado por bibliotecários que muito poderiam contribuir para que os filmes pudessem ser organizados de forma mais acessível nesse caos informacional.

A segunda possibilidade de pesquisa diz respeito ao acompanhamento de uma turma, do primeiro ao quinto semestre, para avaliar as mudanças na avaliação de seus integrantes quanto ao uso dos documentários. Não é possível afirmar por meio desta pesquisa que os alunos do quinto semestre tenham a mesma avaliação de quando começaram a ser expostos a este método. Também pode ser motivo de discussão as variáveis que implicam na maior ou menor aceitação deste método pelos estudantes, visto que a forma como eles avaliam esta metodologia pode mudar de acordo com a idade, o tipo de escolas que frequentaram, se possuem ou não o hábito de assistir filmes, etc.

Quanto aos resultados desta pesquisa, acreditamos que foram alcançados os objetivos propostos. Identificamos as contribuições do uso dos documentários em sala de aula

no processo de ensino-aprendizagem; apontamos o nível de aceitação do uso dos documentários como ferramenta de ensino-aprendizagem e elencamos as vantagens e desvantagens do uso dos documentários como ferramenta de ensino-aprendizagem tanto na visão de alunos quanto dos professores.

Constatamos por meio desta pesquisa que o cinema, em geral, e os documentários, em particular, podem e devem ser utilizados como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. Os resultados obtidos demonstram que a aceitação do método ficou entre bom excelente, apresentando poucas respostas para regular e nenhuma para péssimo.

Professores e alunos identificaram para o uso de documentários em sala muitos fatores positivos, estando o ponto de vista de ambos bem alinhados. Acreditamos que a pesquisa realizada poderá ser utilizada para melhorar a metodologia aplicada nestas e em outras disciplinas que trabalham com esse método e que dê margem para outras pesquisas no campo educacional.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inácio. **Cinema: o mundo em movimento**. São Paulo: Editora Scipione, 1995.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENJAMIM, Walter. Textos de Walter Benjamin. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. São Paulo: Abril, 1975. Disponível em: <[https://cei1011.files.wordpress.com/2010/08/benjamin\\_a-obra-de-arte-na-epoca.pdf](https://cei1011.files.wordpress.com/2010/08/benjamin_a-obra-de-arte-na-epoca.pdf)>. Acesso em: 12. 12. 2016.
- BERNARDES, F. **Webdocumentário e as funções para a interação no gênero emergente: análise de fort mcmoney e bear 71**. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <<http://meriva.pucrs.br/dspace/handle/10923/7569>>. Acesso em: 23/06/2017.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BENTES, Ivana. O audiovisual e o documentário na cena contemporânea. In: **Debate: cinema documentário e educação**. Ano XVIII boletim 11 - Junho de 2008
- CÁNEPA, Laura Loguercio. Expressionismo alemão. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006. P. 55 – 88.
- CASTELLS, Arnau Gifreu. **El documental multimedia interactivo como discurso de la no ficción interactiva: Por una propuesta de definición y categorización del nuevo género emergente**. Disponível em: <<https://www.upf.edu/hipertextnet/numero-9/documental-multimedia.html>>. Acesso em: 23/06/2017.
- CATELLI, Rosana Elisa. Coleção de imagens: o cinema documentário na perspectiva da escola nova, entre os anos de 1920 e 1930. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 605-624, abr.-jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a16.pdf>>. Acesso em: 28/09/2017
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro Cinema. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006. P. 17 – 52.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DURKEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- EITZEN, Dirk. When Is a Documentary? Documentary as a Mode of Reception. **Cinema Journal**, Vol. 35, No. 1 (Autumn, 1995), pp. 81-102. Disponível em: <[http://www.columbia.edu/itc/film/gaines/documentary\\_tradition/Eitzen.pdf](http://www.columbia.edu/itc/film/gaines/documentary_tradition/Eitzen.pdf)>. Acesso em: 10/09/2017.
- FABRIS, Mariarosaria. Neo-realismo italiano. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006. P. 191 – 219.
- FIUZA, A.F. **O resto é verdade: História e ficção em sala de aula no curta-metragem Ilha das flores**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.32, p.243-253, dez. 2008.

FRANÇA, Andréa. Cinema de terras e fronteiras. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006. P. 395 – 412.

FREITAS, Enio de. **História e Cinema: Encontro de conhecimento na sala de aula**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GAUDENZI, S. **The Living Documentary: from representing reality to co-creating reality in digital interactive documentary**. Doctoral thesis, Goldsmiths, University of London [Thesis]. Disponível em: < <http://research.gold.ac.uk/7997/>>. Acesso em: 20/05/2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JORENTE, Maria José Vicentini. **Ciência da informação: mídias e convergência de linguagens na Web**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa: Dinalivro, 2005.

MARTINS, Fernanda A. C. Impressionismo Francês. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006. P. 89 – 107.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. O documentário como gênero audiovisual. **Comun. Inf.**, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, jan/dez. 2002. Disponível em: < <https://revistas.ufg.br/ci/article/viewFile/24168/14059>>. Acesso em: 28/08/2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MORAN, J.M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e Educação**, São Paulo, (2): 27 a 35, jan./abr. 1995. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131/38851>>. Acesso em: 29/06/2017.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

PEIXOTO, H.C.B. **Webdocumentário: a representação da ótica documental no ciberespaço**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Goiânia, 2015.

PENAFRIA, Manuela. **Perspectiva de desenvolvimento para o documentarismo** (1999). Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf>>. Acesso em: 02/11/2017.

RONDELLI, E. Realidade e ficção no discurso televisivo. **Revista Letras**, Curitiba, n. 48, 1997. p. 149-207.

SACRINI, Marcelo. Perspectivas do gênero Documentário pela apropriação de elementos de linguagem da TV Digital Interativa. **ETD Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.5, n.2, p. 7-22, 2004.

SARAIVA, Leandro. Montagem soviética. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006. P. 109 – 141.

SERRA, J.J. O documentário animado: quando a animação encontra o cinema do real. **Rumores - Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias**. V. 10, N. 5, julho-dezembro 2011. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51262> >. Acesso em: 23/06/2017.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Cultural: Bourdieu e a teoria clássica. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (22): 26 a 36, set./dez. 2001.

SILVA, Veruska Anacirema Santos. **Cinema, formação cultural e expressão simbólica**. Anais do Encontro Dialógico Transdisciplinar – Enditrans. UESB: Campus de Vitória da Conquista, 24 e 25 de novembro de 2010.

TURNUR, Graeme. **O cinema como fato social**. São Paulo: Summus Editora, 1988.